

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde –PGPDS

Produções de interpretações de si em experiências de migrantes

Rômulo Ataide França

Brasília, Agosto de 2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde –PGPDS

Rômulo Ataide França

Produções de interpretações de si em experiências de migrantes

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, área de concentração Desenvolvimento Humano e Cultura.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Silviane Bonaccorsi Barbato

COORIENTADORA: Dr^ª. Debora da Silva Noal

Brasília, 2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F837p França, Rômulo
Produções de interpretações de si em experiências de
migrantes / Rômulo França; orientador Silviane Bonaccorsi
Barbato; co-orientador Débora da Silva Noal. -- Brasília,
2019.
67 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Processos de
Desenvolvimento Humano e Saúde) -- Universidade de Brasília,
2019.

1. Psicologia do Desenvolvimento. 2. Psicologia
Cultural. 3. Refugiados. 4. Migrantes. 5. Transições. I.
Bonaccorsi Barbato, Silviane, orient. II. da Silva Noal,
Débora, co-orient. III. Título.

Esta dissertação recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF).

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA

PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a). Silviane Bonaccorsi Barbato - Presidente

Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia

Prof. Dr. Ignacio Brescó de Luna - Membro

Aalborg University – Department of Communication and Psychology

Prof(a). Dr(a). Iolete Ribeiro da Silva - Membro

Universidade Federal do Amazonas - Faculdade de Psicologia

Prof(a). Dr(a). Wilsa Ramos - Suplente

Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia

Brasília, 2019

Dedico este trabalho a todas a pessoas que são forçadas a saírem de seus países em busca de uma nova vida, especialmente aquelas que contribuíram, sem pedirem nada em troca, com seus relatos e experiência para este trabalho.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, pela paciência e pelo apoio incondicional. Ao meu tio, o professor Frederico Guilherme, a primeira pessoa da minha família a estudar em uma universidade pública, pela inspiração. Agradeço a Universidade de Brasília, por ainda permitir que seus alunos possam se formar em um ambiente acadêmico e social fora dos inevitáveis “grilhões” da especialização, e a todos os seus funcionários que dão o corpo e a vida para proporcionar um ambiente de estudos para os alunos, seja ensinando-os, alimentando-os ou limpando seus espaços de convivência.

Agradeço a minha orientadora, pela paciência, parceria, ajuda e colaboração, por acreditar em mim e por ter me aceitado, há 6 anos, como orientando de Iniciação Científica, membro do GPPCult e recentemente como aluno de mestrado. Agradeço aos meus colegas de grupo de pesquisa que me acompanharam nesta aventura, dividindo angustias, conquistas e claro, conhecimento e bons momentos de leveza: Fernanda Miranda, Júlia Clímaco, Suzi Brum, Flávia Neves, Fabíola Souza, Danilo Prata, Júlio César dos Santos, Leda Borges, Danyelle Natacha e Thaís Lanutti. Agradeço aos amigos e amigas Larissa Krüeger, Ane Etxeverde, Bess Hepner, Victor de Jesus, Marcelo Medeiros, “Rafinha” Ayala, Renan “Pipoka”, Daniel Moura, Alair Pinheiro e Saulo Maciel pelas trocas e bons momentos.

Agradeço ao professor Ignacio “Nacho” Brescó de Luna, pela generosidade e pela excelente recepção na Universidade de Aalborg, Dinamarca, bem como aos professores Luca Tateo, Sarah Awad, Giuseppina Marsico e Paula Cavada, pelo acolhimento, contribuições e ótimas discussões durante minha visita técnica. Ao professor Brady Wagoner, pela generosidade de me conceder um lugar de estadia em Aalborg, a Søren Hansen, pela recepção informal e compartilhamento de boa música, e a colega Julie Bo Christensen, pelas boas discussões, conversas, compartilhamento de interesses e experiências internacionais. Agradeço aos imigrantes que me ajudaram, com suas histórias, na escrita desta dissertação. Agradeço a Alexandra Elbakyan e a outros desenvolvedores e colaboradores da notória “internet russa”, pela luta e esforços em prol da distribuição anticorporativista de conhecimento acadêmico que contribuíram decisivamente para a escrita deste trabalho e para meus estudos de forma geral.

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar a produção de significados de si em dinâmicas de reflexividade e ambivalências orientadas para expectativas em relação ao futuro a partir da experiência de vida de imigrantes no Brasil. O deslocamento forçado é uma das grandes questões humanitárias da última década e trazem desafios políticos, sociais e ambientais. A vida humana se caracteriza por um fluxo de mudanças, onde o senso de continuidade de si se reorienta e é desafiado por rupturas e transições. Os processos de convencionalização mediam momentos de tensão e transição em interações entre culturas. Neste contato, a história de um determinado lugar e tempo se mescla com novas arenas de vínculos históricos e sociais. Os lugares de origem são uma extensão da experiência do *Self*, tornando a experiência de deslocamento ambivalente, espaço limítrofe de tornar-se outro entre o conhecido e o desconhecido, negociar os valores tradicionais e os novos. Participaram dessa pesquisa quatro pessoas: um solicitante de refúgio, um refugiado e dois migrantes venezuelanos. Realizou-se quatro entrevistas compondo dois estudos idiográficos simples: duas entrevistas narrativas abertas com o participante solicitante de refúgio e o participante refugiado compondo o estudo 1 e duas entrevistas semiestruturadas feitas com os participantes venezuelanos compondo o estudo 2. As entrevistas foram submetidas a análise dialógica do discurso e análise pragmática do discurso para a identificação de posicionamentos de si e do outro no discurso presente dos participantes e para a identificação de sentidos e significados dos enunciados, identificando dinâmicas de recorrências, ambivalências e reflexividades. Os resultados do estudo 1 indicam que nas narrativas abertas, o choque de historicidades é regulado por posicionamentos autovalorativos de competência pessoal, ambivalências vinculadas a relações de gênero, comparações entre culturas, solidão gerada por padrões de socialização diferentes e novas atuações orientadas para o futuro a partir de práticas democráticas. Os resultados do Estudo 2 indicam que nas entrevistas semiestruturadas feitas com os migrantes venezuelanos as dinâmicas reflexivas se regulam pelo estabelecimento profissional no Brasil, realocação da família no país e a promoção de espaços resilientes mediados por organizações humanitárias. As relações dialógicas entre *Self* e identidade se entremeiam na convencionalização de significados no tornar-se outro em contato de inter-historicidades, adquirindo outros posicionamentos junto com ambivalências. A noção de continuidade de si se situam por meio de dinâmicas de reflexividade indicadas por crises e transições orientadas para o futuro.

Palavras-chave: migrantes; refugiados; convencionalização; inter-historicidade; transições.

Abstract

This study aims to analyze the production of meanings of oneself in reflexivity dynamics and expectations oriented ambivalences regarding the future from the life experience of forced immigrants in Brazil. Forced migration is one of the major issues of the last decade, bringing political, social and environmental challenges. Human life is characterized by a flow of change, where the sense of continuity of self is reoriented and challenged by ruptures and transitions. Conventionalization processes measured moments of tension and transition in interactions between cultures. In this contact, the history of a given place and time mingles with new arenas of historical and social ties. The places of origin are an extension of the Self experience, making the experience of migration ambivalent, bordering on becoming another between the known and the unknown, negotiating traditional and new values. Four people participated in this research: one refugee, one refugee applicant and two Venezuelan migrants. Four interviews were conducted: two open narrative interviews with refugee participant and the refugee applicant composing study 1, and two semi-structured interviews with Venezuelan participants composing study 2. The interviews were subjected to dialogic discourse analysis and pragmatic discourse analysis to identify self and other positions in the present discourse of participants and for the identification of meanings and meanings of statements, identifying dynamics of recurrences, ambivalences and reflexivities. The results of study 1 indicate that in the open narratives, the clash of historicities is regulated by self-evaluative positions of personal competence, ambivalences linked to gender relations, comparisons between cultures, loneliness generated by different socialization patterns, and new actions oriented towards the future from democratic practices. The results of Study 2 indicate that in semi-structured interviews with migrants, reflexive dynamics are regulated by professional establishment in Brazil, relocation of the family in the country, and the promotion of resilient spaces mediated by humanitarian organizations. The dialogic relations between Self and identity intertwine in the conventionalization of meanings in becoming another in contact with interhistoricities, acquiring other positions along with ambivalences. The notion of self-continuity is situated through reflexivity dynamics indicated by future-oriented crises and transitions.

Keywords: migrants; refugees; conventionalization; transitions; inter-historicity.

Sumário

| | |
|--|------|
| Agradecimentos | VI |
| Resumo | VII |
| Abstract | VIII |
| Lista de figuras | XI |
| Lista de siglas | XII |
| Apresentação | 1 |
| Fundamentação teórica | 6 |
| O fenômeno das migrações modernas..... | 11 |
| Migrações modernas no Brasil..... | 13 |
| Método | 15 |
| Procedimentos éticos..... | 16 |
| Contextos e definições..... | 16 |
| Participantes..... | 16 |
| Instrumentos e materiais..... | 17 |
| Procedimento de produção de dados..... | 17 |
| Análise..... | 18 |
| Resultados | 19 |
| Estudo 1..... | 20 |
| Narrador – Caso 1..... | 20 |
| Narrador – Caso 2..... | 25 |
| Estudo 2..... | 30 |
| Entrevistada venezuelana – Caso 3..... | 30 |
| Entrevistado venezuelano – Caso 4..... | 36 |
| Discussão geral | 42 |

| | |
|-------------------------|-----------|
| Conclusão..... | 44 |
| Referências..... | 47 |

Lista de figuras

| | |
|--|----|
| 1. Mapa de significados do participante 1..... | 21 |
| 2. Mapa de significados do participante 2..... | 26 |
| 3. Mapa de significados da participante 3..... | 31 |
| 4. Mapa de significados do participante 4..... | 37 |

Lista de Siglas

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

ONU – Organização das Nações Unidas

PED – Departamento de Psicologia do Desenvolvimento Humano e Escolar.

PROCAD – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica

IMDH – Instituto Migrações e Direitos Humanos

INT-UnB – Assessoria de Assuntos Internacionais da Universidade de Brasília

UE – União Europeia

UNHCR – United Nations High Commissioner for Refugees

Apresentação

Durante minha graduação, procurei explorar ao máximo a flexibilidade curricular que a UnB proporciona aos seus alunos realizando disciplinas de fora dos departamentos da psicologia. Além das disciplinas de introdução a filosofia, a antropologia e sociologia, cursei várias disciplinas do curso de filosofia (Ética, Filosofia da Linguagem, Filosofia Moderna, entre outras.). Após realizar a disciplina de “Psicologia da Infância” no meu segundo semestre, com as professoras Lucia Pulino e Silviane Barbato, começo a me aproximar do PED e a fazer pesquisa com a professora Silviane Barbato, primeiramente fazendo observação de crianças em registros em vídeo e logo depois, em 2013, realizando, sob sua orientação, um PROIC (Projeto de Iniciação Científica) financiado pelo CNPq, onde estudei a relação entre as empregadas domésticas e as patroas em relação as recentes mudanças na lei que regulamenta a profissão. Tal pesquisa se tornou um artigo submetido em um periódico internacional em psicologia.

Nesse mesmo período me filio ao grupo GPPCult (Grupo de Pesquisa Pensamento e Cultura) e começo a frequentar as reuniões no laboratório Agora Psyché, que me introduzem nas teorias e estudos qualitativos em Psicologia Cultural, onde me foco, principalmente, no estudo de processos sociais e políticos. A convivência com o grupo de mestrandos, doutorandos e outros docentes do departamento foram de importância fundamental para o direcionamento dos meus estudos ao longo de minha graduação, bem como a possibilidade de pensar a psicologia de maneira interdisciplinar, qualidade muito apreciada por mim e pelo grupo. Após terminar o relatório final do PROIC, em 2014, realizei um intercambio acadêmico, por mediação do INT-UnB, na Pontificia Universidad Católica de Chile em Santiago.

Retornando ao Brasil, em 2015, sou indicado para compor o grupo de bolsistas do projeto PROCAD, sob a coordenação da professora Daniele Nunes. Financiado pela CAPES, o projeto tinha como foco o estudo da inserção do psicólogo nas políticas de assistência social em três cidades brasileiras: Brasília, Natal e Santa Maria. Neste projeto, realizei entrevistas semiestruturadas com psicólogas da rede CRAS do Distrito Federal.

Após me formar, fui pesquisador bolsista do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDT-UnB) no Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade (Obvul), coordenado pela professora Inez Montagner. Juntamente com a professora Wilsa Ramos, trabalhei em uma pesquisa documental-bibliográfica de revisão crítica de literatura sobre políticas públicas para refugiados no Brasil, que rendeu um artigo publicado em periódico nacional em Psicologia. Este foi meu primeiro contato com os estudos de migrações, em especial as migrações forçadas, tema que foi proposto por mim para o Observatório, já com o interesse em aprofundá-lo no mestrado em Psicologia.

Introdução

A migração forçada é um dos grandes problemas humanitários da última década, que juntamente com as mudanças climáticas, tendem a se agravar e trazer desafios políticos, sociais e ambientais urgentes ao trabalho de todas as esferas sociais dos países (Habitat III, 2016). A União Europeia possui um sistema comum de asilo – o *Common European Asylum System* – que supõem a cooperação e a partilha de responsabilidade entre os países membros para com o acolhimento e proteção das pessoas que pedem asilo no continente. Em nível de política pública, há também o *Global Approach to Migration and Mobility*, voltado sobretudo para a cooperação entre UE e outros países quanto a medidas relacionadas a migração na Europa e marcadamente focado na organização da migração legal, maximização do impacto de desenvolvimento da migração e proteção-prevenção contra a migração ilegal (European Commission, 2018).

Ao longo desta década o mundo enfrenta o agravamento de uma crise de deslocamento forçado que já se tornou a maior desde a 2ª guerra mundial, com mais de 65 milhões de pessoas ao redor do mundo na condição de deslocamento forçado (UNHCR, 2017). Originada como fruto de guerras civis e conflitos armados no Oriente Médio e África, tal crise, de urgência e abrangência global, vêm atingindo sensivelmente os países da região, e atingem sem precedentes os países europeus, que se torna o destino de muitos desses refugiados, que chegam ao continente atravessando o mar mediterrâneo, grande parte deles vindos da Síria, Iraque, Afeganistão e Nigéria (Migration Policy Institute, 2018).

Essa crise, que teve seu ápice nos anos 2015 e 2016, foi notadamente marcada por grandes fluxos de pessoas – em torno de 1.2 milhões de pessoas – que entraram no continente europeu pela Turquia e Grécia usando distintas condições e modos de migração mesclados, criando cenários de risco iguais tanto para pessoas que estão migrando por conta de guerras, que buscam asilo em outros países como refugiados, quanto migrantes que fogem de crises financeiras em seus países, fogem de desastres ambientais e aquelas que se deslocam para outros países, mas não atendem os requisitos legais para alcançar o *status* de refugiado. No entanto, ao usar as mesmas rotas de viagem, que também são usadas para o contrabando de pessoas, especialmente mulheres (Yousaf, 2018), os migrantes estão expostos aos mesmos riscos e às mesmas violações de direitos humanos independente dos motivos para o deslocamento (Angenendt, Kipp & Meier, 2017). Os reflexos da emergência de refugiados na Europa acarretaram uma série de consequências sociais e iniciativas para melhorar os sistemas de acolhimento e reassentamento desses refugiados (Mayer & Mehregani, 2016), bem como a cooperação entre instituições governamentais e organizações da sociedade civil, medidas de interiorização para espalhar a distribuição de refugiados pela Europa e acordos com países africanos para o controle e gestão de fronteiras.

No entanto, o fechamento de fronteiras de alguns países, que estimula o tráfico de pessoas (Yousaf, 2018), e certas iniciativas – como o acordo UE-Turquia e a criação de centros de detenção na Grécia e na

Itália – para reter o movimento migratório nas fronteiras do bloco e impedir a imigração ilegal revelaram incoerências políticas por parte da União Europeia que destoam do tratado assinado na Convenção de Genebra para o acolhimento de pessoas refugiadas (Zamora, 2017) e deram margem para a sustentação de discursos oficiais coexistentes voltados tanto para a intensificação da segurança das fronteiras e defesa nacional, enxergando o refugiado como ameaça, quanto para o reconhecimento do direito de migrar e pedir asilo em outros países, sustentando certa retórica humanitária a respeito do acolhimento dessas pessoas (Gomarasca, 2017).

No que diz respeito aos marcos políticos importantes em relação ao refúgio, em 1950 é criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, organização internacional especialmente encarregada de cuidar dos assuntos pertinentes a questão dos refugiados no mundo. As principais políticas internacionais para refugiados datam do início dos anos 50, quando a Europa se reconstruía dos estragos pós-segunda guerra mundial e enfrentava uma grande crise de europeus refugiados – judeus e outros grupos minoritários – a Convenção de Genebra foi o primeiro grande evento internacional a servir de marco regulatório sobre o tema (Silva & Rodrigues, 2012). Em 1967 surge o Protocolo relativo ao Estatuto dos Refugiados, que atualiza as categorias de refugiados que surgiram pós-1951 expandindo o instituto para além da Europa bem como integrava pessoas consideradas refugiadas após 1º de janeiro de 1951 (Uber, 2012).

As políticas que prescrevem os pedidos de asilo por parte de imigrantes variam bastante de país para país. No Canadá, as políticas de imigração se concentram em refúgio, migração econômica e no instituto da reunião familiar, havendo detalhada seleção entre aqueles que ganham o direito de viver no país em qualquer uma dessas circunstâncias. A política para asilo é bastante seletiva, uma vez considerado refugiado, este pode pleitear a residência permanente no país e assim terá acesso ao sistema de segurança social, apoio em aprender o idioma local e ajuda em procurar um emprego (Government of Canada, 2017). A política de asilo australiana, por outro lado, tem endurecido bastante nesta década, não concedendo visto para pessoas que chegam pedindo asilo e parando os barcos de refugiados que chegam a sua fronteira marítima. Essas pessoas são transferidas para centros de detenção na Papua Nova Guiné e para as ilhas de Nauru e Manus, onde aguardam seus processos em campos de detenção, e se forem considerados refugiados, serão reassentados em outro país que não a Austrália (Refugee Council of Australia, 2018). O país vizinho, a Nova Zelândia, recebe uma cota de 1.000 refugiados reassentados por ano, realizam reuniões familiares e acatam até 150 pedidos de asilo. Uma vez no país, há apoio para moradia, idioma e empregabilidade (New Zealand Government, 2019).

Ao final de 2018 é aprovado, em uma conferência global da ONU em Marraquexe, o Pacto Global para Migrações, que visa servir como um acordo comum de compromisso entre os países signatários com a emergência migratória, estudo nos benefícios que as migrações podem trazer as sociedades que recebem ao mesmo tempo em que prevê como regular, cooperativamente e de forma integrada, as migrações, focando em problemas chave como a segurança dos refugiados durante e após sua travessia, fornecimento da

documentação adequada, empregabilidade e qualificação profissional, uso integrado de dados empíricos para criação de políticas públicas específicas, transparência na divulgação de dados (Global Compact for Migration, 2018). O pacto foi rejeitado por cinco países: EUA, Israel, Hungria, República Tcheca e Polônia. O Brasil se tornou signatário do pacto em 2018, mas logo após a posse do novo governo, em princípios de 2019, se retirou do pacto por considerar que a solução para o problema das migrações não é global, mas sim algo a ser tratado localmente por cada país. No entanto, o Brasil também enfrenta as consequências dessa pressão global. Registrou em 2015 mais de 28.000 pedidos de refúgio e tem mais de 9.500 refugiados reconhecidos, em 2017 os pedidos de refúgio chegaram a 33.866 (Ministério da Justiça, 2017). A condição de refúgio necessariamente supõe algum tipo de violação aos direitos humanos dessas pessoas, e ao chegar ao Brasil devem lidar com a reconstrução de suas vidas em um lugar de língua e cultura diferente após terem que deixar o modo de vida que levavam para trás.

No Brasil é criado 1997 o Estatuto dos refugiados, Lei 9.474, inspirado pela Convenção de Genebra, cria também a Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE – órgão multiministerial coordenado pelo Ministério da Justiça. De acordo com a definição dada no Estatuto do Refugiado (1997, p.1), o refugiado tem “fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas” e sofre de “grave e generalizada violação de direitos humanos” que o impedem de permanecer em seu país de origem (Milesi & Carlet, 2012; Silva & Rodrigues, 2012).

Em 2017 foi aprovada a Lei das Migrações que contempla os migrantes de outros países no Brasil, os brasileiros fora do país, e as pessoas apátridas. A lei é, a nível mundial, considerada bastante avançada em termos de tratamento humanitário para migrantes, lhes dando garantias de direitos similares aos cidadãos nacionais e repudiando discriminações, xenofobia e descriminalizando as migrações, substituindo o antigo Estatuto do Estrangeiro, em que predominava uma visão do estrangeiro como uma ameaça a coesão nacional (Oliveira, 2017). As iniciativas da sociedade civil organizada como institutos, instituições religiosas e ONGs, juntamente com a ACNUR e o governo, realizam esse trabalho de acolhimento e orientação para os imigrantes (Bógus & Rodrigues, 2011). No entanto, o Brasil não conta com um programa público federal para uma acolhida eficiente de refugiados que chegam ao país (França, Ramos & Montagner, 2019).

O Brasil passa por uma emergência migratória de venezuelanos que entram no país. Por conta da crise econômica e política na Venezuela, aproximadamente 4 milhões de venezuelanos saíram do país em busca de asilo em países como EUA, Brasil, Peru, Espanha, México e Colômbia (UNHCR, 2018). Grande parte deles chega ao Brasil cruzando a fronteira a pé, chegando aos estados do Pará, Amazonas e principalmente, Roraima, se concentrando na capital do estado, Boa Vista. Foram mais de 17.000 solicitações de refúgio feitas por venezuelanos em 2017, muitos deles indígenas. O perfil desses imigrantes se caracteriza por ser majoritariamente jovem – de 20 a 39 anos – bem escolarizada entre os não-indígenas e solicitantes de refúgio em sua maioria (Simões, Silva & Oliveira, 2017). Esta situação está sendo marcada pela desarticulação de ações entre os municípios afetados, participação limitada da sociedade civil, não

pagamento de benefícios sociais e por violações de direitos humanos como trabalho análogo a escravidão (Conselho Nacional dos Direitos Humanos, 2018).

Questões relacionadas à maneira como os migrantes e refugiados narram e justificam suas próprias trajetórias de vida e se regulam em outro país após passarem por experiências de tensão e conflito, ganha peso e importância em meio aos cenários migratórios cada vez mais complexos. A experiência de fuga de uma região para outra instaura uma vulnerabilidade, certa sensibilidade e uma reatividade maior aos sujeitos, podendo ou não promover reflexividades a partir dessas experiências vividas (Zittoun, 2015) que os apoiam a manejar as incertezas de sua vida presente como expectativas e projetos futuros, como por exemplo, promover reações orientadas ao ativismo em prol do reconhecimento dos próprios direitos humanos, civis e legais (Brockmeier, 2011; Vertovec, 2009).

Considerando a situação vivencial de transição radical que os migrantes e refugiados passam até chegar ao Brasil, se mostra providencial perguntar-se: como essas pessoas se apresentam e refletem sobre a experiência de si mesmas em um país diferente e como se regulam ambivalências e desenvolvem expectativas que orientam suas atuações para o futuro vivenciando essa nova experiência existencial no Brasil?

Partindo disso, o objetivo deste trabalho é analisar a produção de significados de si em dinâmicas de reflexividade e ambivalências orientadas para expectativas em relação ao futuro a partir da experiência de vida no Brasil em entrevistas feitas com quatro participantes, um refugiado, um solicitante de refúgio e dois migrantes.

O seguinte capítulo trata da fundamentação teórica do trabalho, que buscou considerar o caráter multidimensional dos fenômenos migratórios e seus aspectos culturais e sociais. Para isso, serão apresentados o estudo da produção de significados em psicologia cultural, que envolvem narrativas, memória, transições, posicionamento e ambivalências, associado com a moderna teorização histórica e sociológica das migrações modernas no mundo e no Brasil.

Fundamentação teórica

As experiências humanas ocorrem em temporalidade e estão em constante atualização, combinando afetos, cognições e atuações orientadas e sustentadas por crenças e mensagens simbólicas com estrutura compartilhada (Rosa & González, 2013). A vida humana se caracteriza por um fluxo de mudanças em todos os seus aspectos, onde o senso de continuidade se reorienta e é desafiado por rupturas, que levam a ajustes, momentos de transição (Zittoun, 2009). O humano, como um sistema vivo aberto que se auto-organiza e que é único (Salvatore & Valsiner, 2010), se desenvolve com o ambiente e sua mediação simbólica é proativa e dependente do tempo, uma vez que a experiência temporal é historicizada, a reflexão regula esta experiência de modo a se orientar, desde a experiência do presente para o futuro baseado em atuações intencionais (Valsiner, 2016) situadas em um *ground* semiótico circunstancial que permite o agenciamento de tomadas de decisão, que por sua vez reverberam e atualizam atuações e posicionamentos passados. O caráter dinâmico da vida em curso, que está ao mesmo tempo em movimento por ambientes e engajado em práticas sociais em transição, pode se orientar espacial e temporalmente (Marsico, 2015) por metas e atuações orientadas ao futuro que ocorrem em âmbitos de indeterminação e incerteza, onde se interage com o conhecido e o desconhecido.

O conhecimento sociocultural permite o desenvolvimento de conjuntos de experiências que permitem a atribuição e produção de significados a partir dos fenômenos (Rosa & González, 2013) e a experiência subjetiva das rupturas é acompanhada de eventos socialmente marcados, que têm seus significados reavaliados a cada nova ruptura (de Saint-Laurent, 2017), abrindo novos caminhos possíveis, novas formas de atuar e agir (Zittoun, 2009). Experiências históricas de uma pessoa promovem interpretações da continuidade de si-mesma à medida que o presente marca e reconfigura o momento passado, permitindo possibilidades de ações futuras. As vivências de continuidade do *self* são dadas em um processo dinâmico de intercâmbio e/ou transformação de posições que situam os atos de identificação no momento presente marcado pela organização e arranjos dos significados produzidos (Barbato, Mieto, & Rosa, 2016; Barbato 2018).

A forma narrativa organiza a temporalidade das experiências de modo significativamente sequencial, em episódios de sentido e padrões de crenças baseados em elementos canônicos na cultura, organizando a experiência por regulação e esquematização de afetos (Bruner, 1990), criando possibilidades de formação de um conhecimento situado e distribuído que permite a autonomia das ações humanas (Polkinghorne, 1988, 2005) e possibilitam a existência da história de um grupo e das biografias (Rosa, 2015). As narrativas se vinculam diretamente com os modos de estar e agir no mundo, não apenas de um único sujeito, mas também de um grupo coletivo, que participa ativamente na construção de realidades históricas como forma de criação e negociação simbólica dessas realidades, e também se afeta, se preocupa e se mobiliza (Straub, 2005). A

relação individual e comunitária com o passado, marcada por atualizações de significados pautadas por posições no presente experienciado, ocorre na narração de algo, na lembrança e no esquecimento, na produção de significados a partir de situações de conflito e tensões entre forças opostas de hegemonia e contra-hegemonia (Glaveanu, 2017).

O âmbito histórico-narrativo envolve afetos e habilidades racionais para produzir a história, justificá-la e argumentá-la, considerando, além de suas múltiplas circunstâncias, seu caráter dialógico, já que os recursos simbólicos utilizados para se referir à história são introduzidos pela primeira vez por outros, e usado com outros (Straub, 2005; de Saint-Laurent, 2017). Nesse contexto dinâmico, o passado coletivo está sempre em um movimento de mudanças, atualizações e estabilidades se apoiando em referências ideológicas a nível social macro e a nível individual e interpessoal produzidas no presente (Glaveanu, 2017, Volochinov, 2018).

A construção discursiva de narrativas ocorre em âmbito social e situam as ações de uma pessoa de forma compreensível e determinada em redes de atos sociais, onde os envolvidos atuam situadamente e dialogicamente em narrativas históricas já existentes em uma determinada cultura. Estas atuações fazem com que os sujeitos interajam e se coloquem em determinadas posições em relação a narrativa em destaque, posicionando a si, ao outro e ao mundo, os sujeitos produzem e promovem seu *self*, ou a noção de continuação de si em processos de crise e transição (Barbato, Mieto & Rosa, 2016; González, 2017) que situa uma perspectiva no mundo e se desdobra na vida cotidiana através de um repertório de atuações públicas (Harré, 2012).

A experiência do presente vivido, que sintetiza afetos, cognição e atuações, produz atualizações do passado e orientações para o futuro (Rosa, 2015), mantendo o *self* dinâmico, ao mesmo tempo em que está em constante movimento e se autorregulando para manter acordos culturais e regras sociais permeadas por ambivalências e tensões (Valsiner, 2007) e também para manter a coerência temporal da própria narrativa formada no presente, onde sua identidade, aquilo que compõe suas práticas reconhecidas socialmente em uma determinada historicidade, deve se manter íntegra (Straub, 2005). As mudanças e realocações no espaço social e/ou geográfico podem promover reflexividade, uma forma de distanciamento e retorno modificado pela experiência, facilitados pelo passar do tempo (Zittoun, 2015).

Os seres humanos criam e negociam realidades históricas, implicando afetos individuais e coletivos, motivos e preocupações, que proporcionam um mundo compartilhado baseado em uma concepção de realidade socialmente afirmada (Straub, 2005), onde o desenvolvimento humano se orienta por instituições históricas que regulam a temporalidade dos processos de mudança ao longo da vida (Marsico, 2015), afirmando ou negando determinadas tendências de práticas sociais de matriz histórico-social, por meio da implementação de novas leis, forçando mudanças de práticas (França & Barbato, submetido) e/ou reivindicações de grupos sociais específicos para o reconhecimento ou afirmação de modos distintos de ser e estar na cultura.

Quando as relações entre a pessoa e o ambiente no momento presente entram em conflito com uma

expectativa incerta do futuro, há a geração de ambivalências e os significados são atualizados através da regulação (Abbey & Valsiner, 2005; Abbey, 2012). As ambivalências regulam dinâmicas de transformação de si, dos outros e das situações introduzindo diferenciações a experiências, oportunizando espaços para a novidade e a ocorrência de transformação psicológica (Forcione & Barbato, 2017; Marsico, 2015). No entanto, caso as relações com o ambiente se tornem não-flexíveis às modificações, signos fortes são produzidos quando as ambivalências atingem níveis máximos e as interações dialógicas se tornam interações monológicas (Abbey, 2012; Buber, 1937), dificultando processos de reflexividade efetivos (Zittoun, 2015).

A propriedade polifônica do dialogismo (Bakhtin, 1984) torna possível a compreensão das relações entre os significados pessoais e coletivos produzidos historicamente em diferentes cronotopos, recortes espaço-temporais definidos e situados no presente vivido de interações e atividades entre várias perspectivas, passadas e imaginadas, nas práticas culturais, que os interlocutores atualizaram ao narrar e explicar suas posições em suas interpretações de si mesmos, do outro e da situação em foco (Forcione & Barbato, 2017). Os padrões culturais de um grupo são flexíveis para se adaptar a novas circunstâncias (Wagoner, 2017), embora possam também favorecer atualizações orientadas para a manutenção de aspectos tradicionais de seu funcionamento. O caráter situado, multiprocessual da memória é fundamental para sua compreensão como uma atividade pautada por tendências e interesses presentes, bem como pela imaginação orientada para o futuro, que sugerem o uso pragmático da memória socialmente compartilhada (Wagoner, 2013; Brescó de Luna, 2017) e a regulação das possíveis experiências humanas (González, 2017), especialmente aquelas amparadas institucionalmente (Bruner, 1990; Bartlett, 1995).

Os processos de convencionalização (Bartlett, 1995; Brescó de Luna & Rosa, 2017; Wagoner & Gillispie, 2014) sustentam a compreensão dos modos de mediação simbólica na interação de historicidades em contato, na recordação e atuação dinâmica em momentos de tensão e transição nos impactos entre práticas antigas e práticas novas. Nestas interações em inter-historicidades (Segato, 2012), nossas capacidades cognitivas se ampliam, permitindo novos modos de pensar e atuar, uma vez que práticas discursivas específicas permitem o desenvolvimento preferencial dessa competência narrativa (Hutto, 2016). O meio ambiente, a ação social e a consciência estão em constante relação polifônica (Bakhtin, 1984) pois a atividade humana é social e situada em realidades objetivas que informam a atividade ao mesmo tempo em que ela é informada pelo sujeito (Leontiev, 1978). Os contextos e objetos tanto físicos como simbólicos, permitem e informam suas próprias condições de uso e ação para os sujeitos nas mais diversas situações, dispondo a consciência para ser incorporada nas intervenções humanas nos diversos tipos de ambientes que podem situá-lo, criando um sistema em que organismo e ambiente se transformam mutuamente (Pouw & Looren de Jong, 2015; Pedersen & Bang, 2016).

As interações corporais entre o humano e os espaços desdobram a atualização da experiência do *Self* no presente vivido (Rosa & González, 2013), considerando que as interações e as produções de sentido podem ser mediadas para além de representações mentais. No entanto, considera que a experiência e as

interações do sujeito são histórica e simbolicamente incorporadas, de modo que o próprio ambiente compõe a mente dos agentes na medida em que envolvem e são a própria possibilidade de atuações sensíveis no mundo, e podem não remeter a algum conteúdo armazenado preferencialmente na cabeça (Myin & Hutto, 2012).

Em deslocamentos de um território conhecido a outro desconhecido, as atuações e os vínculos narrativos se desenvolvem e são compreendidos para além da familiaridade territorial, criando um âmbito onde certas relações são intensificadas globalmente independentes das fronteiras e leis internacionais, estabelecendo, pois, uma consciência transnacional em que história coletiva de um determinado lugar e tempo se mescla com novas arenas de vínculos históricos e sociais (Vertovec, 2009). O local em que se nasce e se é criado como pessoa se configura como uma extensão da experiência situada do *Self*, de forma que a experiência de deslocamento se apresenta como ambivalente, por estar em um espaço *inbetween* (Buber, 1937), ou seja, uma estância limítrofe entre o lugar conhecido e o lugar desconhecido, eu e o outro, valores tradicionais e novos, tornar-se outro e fazer do outro algo próprio, sempre na relação dialética da possibilidade e da ameaça (Märtsin & Mahmoud, 2012). Os deslocamentos envolvem dinâmicas emocionais em nível político e social que afetam a experiência de vida tanto dos migrantes quanto dos cidadãos dos países receptores (Boccagni & Baldassar, 2015) e os migrantes são agentes ativos na transformação de contatos e práticas sócias tanto no país de origem quanto no país de destino (Rosa & Tavares, 2013).

Em contexto macroscópico, o caráter sensível dos deslocamentos forçados, consequências e potenciais precursoras de problemas humanitários, remetem a questões de modelos de integração (Cavalcanti & Simões, 2014) e de saúde mental dessas populações. Aspectos materiais como acesso a emprego no país, geração de renda, competência linguística, eficiência nos processos de pedido de asilo e suporte social ao lidar com possíveis discriminações são considerados determinantes sociais de saúde mental entre estes imigrantes (Hynie, 2017).

O acesso as instituições e aos serviços sociais do país de recepção, bem como a forma com que estas mesmas instituições são preparadas para receber refugiados também se mostra influente em sua qualidade de vida e oportunidades pessoais e profissionais (Flick, Hans, Hirseland, Rasche & Röhnsch, 2017). O desenvolvimento da resiliência, a habilidade de adaptação e recuperação de situações estressantes ou traumáticas, é um processo multidimensional dinâmico não-linear (Siriwardhana, Ali, Roberts, & Stewart, 2014; Pearce, McMurray, Walsh, & Malek, 2017), pois deve ser potencializada por toda a rede de relações dessa pessoa no país receptor a partir de intervenções em distintas intensidades e processos protetivos que promovam mudanças (Ungar, 2012).

Para a promoção de resiliência, o ambiente social e institucional deve facilitar o acesso a recursos e oportunidades de navegação e negociação (Ungar, 2012). Famílias são espaços promotores de resiliência, e suas extensões em agências humanitárias e instituições religiosas são promotoras de resiliência em refugiados (Weine, Levin, Hakizimana, & Dahnweih, 2012). A espiritualidade e a fé, os círculos de apoio e o

estabelecimento de uma comunidade global que envolva o país de origem e o país receptor promovem resiliência ao abrir um âmbito de catarse comunal, pelo choro ou pela alegria compartilhada em espaços de pertencimento *inbetween* (Buber, 1937, Pearce, McMurray, Walsh, & Malek, 2016).

O fenômeno das migrações modernas

Os deslocamentos de pessoas por territórios são parte da história social e antropológica da humanidade. Ao longo das eras conformaram populações e culturas em todas as regiões do globo terrestre. As chamadas migrações modernas compreendem os grandes movimentos migratórios relacionados a formação das sociedades contemporâneas durante meados de século XIX a meados do século XX (Hoerder, 2014). Esses movimentos migratórios se relacionaram e ocorreram concomitantemente a importantes mudanças históricas como a nacionalização dos estados e dissolução dos impérios tradicionais, começando no ocidente e depois se espalhando pelo mundo, os processos de independência em ex-colônias europeias, as duas grandes guerras e a formação da União Soviética são alguns desses grandes eventos históricos globais.

A questão do refúgio começa a ser pensado enquanto questão global e humanitária importante a partir das experiências da primeira guerra mundial, começando com o reconhecimento e proteção de minorias nacionais européias e expandindo para o deslocamento forçado após a segunda guerra mundial com o estabelecimento do instituto do refúgio, onde o temor e ameaça real se tornam categorias jurídicas, para classificar alguém como refugiado, ou seja, alguém amparado pela lei internacional (Carneiro, 2012; Goodwin-Gill, 2014).

O aparelho jurídico do instituto do refúgio se sofisticava ao longo do tempo, com a prática do assentamento e a inclusão, a partir da Declaração de Cartagena nos anos 80, da violência generalizada que ameaça a liberdade e a segurança como critérios de classificação para a concessão de proteção internacional (Carneiro, 2012). No pós-guerra as migrações internacionais se tornam mais intensas e significativas por conta da criação de zonas de livre comércio, diferenças econômicas entre o norte e o sul global, pressões econômicas e ecológicas (Castles & Miller, 1993), criando redes de relações interdependentes complexas entre os países. No entanto, em âmbitos de crise, a diferença Norte e Sul global se revela nas diferentes preocupações em relação as imigrações forçadas, onde as iniciativas mais solidárias geralmente são dadas por países do sul global, que acolhem imigrantes em maior número, muitas vezes desproporcional a capacidade econômica e os países do norte global tendem ao protecionismo territorial (Daniel, 2006).

Globalmente, as relações entre pessoas de diferentes lugares e origens culturais se intensificam e vão além das fronteiras nacionais ou mesmo das leis internacionais, permitindo o desenvolvimento de uma consciência social diaspórica que reverbera histórias coletivas de lugares distintos, promove a criação de redes sociais transnacionais e renega a fixidez geográfica (Vertovec, 2009). Apesar de supor redes sociais, o transnacionalismo (Waldinger, 2013) se constitui como um processo amplo, ligado ao capitalismo global e aos vínculos de atuação, institucionais ou não, em mais de um país. A diáspora, por outro lado, é o deslocamento – forçado ou não – de pessoas de um país ou região para outro, um fenômeno humano experienciado socialmente por comunidades específicas que passa a constituir parte de sua história coletiva

(Braziel & Mannur, 2003).

Em diáspora a relação com o país de origem e o país atual se tornam ambivalentes (Braziel & Mannur, 2003; Märtsin & Mahmoud, 2012), de modo que o país de origem passa a ser visto com estranheza e o país onde se vive também é experienciado com estranheza, as tradições e etnicidade se tornam passíveis de fluidez e/ou radicalização pelas circunstâncias e as recontextualizações históricas (Radhkrishnan, 2003). As mudanças promovidas pelos deslocamentos podem trazer a tona questões de identidade nacional, uma vez que a imigração e a diversidade étnica desafiam os pilares do ideal de nação (Castles & Miller, 1993).

Os estados-nações são constituídos por governos que assumem um direito legal e moral de jurisdição de solo, formando parte de um projeto da modernidade de extensão do controle humano sobre o espaço, o tempo, a natureza e a sociedade por meio do capitalismo e das forças armadas (Cohen & Kennedy, 2003). A ideologia de estado-nação supõe a existência de hierarquias culturais onde o grupo étnico tradicionalmente de maior poder se designa como nação, subjugando outros grupos religiosos e étnicos internos, que passam a ser chamados de minorias (Hoerder, 2014). A noção de nação se vincula fundamentalmente com a homogeneidade de raça, potencializando teorias racistas, assimilação e supressão forçada das minorias regionais (Carneiro & Collar, 2012; Cohen & Kennedy, 2003).

Nesta ideologia, a convivência civil, e a própria civilidade, só podem ser garantidas se o grupo majoritário se mantiver como tal, ou seja, se o território nacional for controlado por um núcleo étnico (Antonsich, 2016). Há a premissa implícita de que a diversidade se choca com a civilidade, visto que ambos são postos no registro das práticas sociais/culturais que definem a nação. As migrações instauram um reordenamento do senso comum nacional, por meio da integração, uma vez que este modelo cívico ocidental tradicionalmente supõe que o indivíduo que se desloca é o responsável por sua integração-aculturação no país em que passa a viver (Antonsich, 2016).

Migrações modernas no Brasil

O Brasil é um país formado por migrantes vindos especialmente da Europa, África, e posteriormente, Ásia e Oriente Médio. No período colonial, por se tratar de uma colônia portuguesa, a grande maioria dos primeiros migrantes europeus vinham dessa região e com o estabelecimento do mercado de mão de obra escrava africana, milhões de pessoas do centro da África foram trazidas a força para trabalhar em latifúndios, minas de ouro e na própria casa dos colonizadores (Freyre, 2003).

Na primeira metade do século XIX, começaram a se estabelecer as primeiras comunidades alemãs de pequenas propriedades rurais no sul do Brasil, região até então pouco colonizada e explorada economicamente. O isolamento dessas comunidades permitiu a formação de núcleos étnicos homogêneos na região sul do país, o que viria a influenciar muito a geografia das próprias capitais dos três estados, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre (Seyferth, 1990). Em 1808 se estabelece a lei que permitia que imigrantes comprassem pequenas propriedades de terra no Brasil. A incipiente política brasileira de imigração na época se preocupava em povoar vazios demográficos com imigrantes europeus agricultores (Figueiredo & Zanelatto, 2017; Lippi, 2001). Na segunda metade do século XIX, com o impulso da indústria do café em São Paulo, o perfil do imigrante muda de pequeno agricultor para povoamento para empregado de monocultura, mas os grupos preferidos para a imigração eram o de portugueses, espanhóis e italianos por conta da proximidade religiosa e linguística (Oliveira, 2001).

A imigração massiva de italianos, e posteriormente de japoneses, em São Paulo se torna, num primeiro momento, um substituto para a mão de obra escrava e a longo prazo pensava-se em uma transição do latifúndio para um sistema produtivo de pequenas propriedades de terra que seriam geridas por esses imigrantes fomentando novas economias (Figueiredo & Zanelatto, 2017; Oliveira, 2001; Seyferth, 1990). No final do século XIX, após a proclamação da república, houve a chamada Grande Naturalização, onde muitos dos estrangeiros que já estavam no Brasil foram naturalizados via decreto de lei, e deveriam se manifestar em um prazo de 6 meses se quisessem manter a nacionalidade de origem, caso contrário a perderiam e ficariam somente com a nacionalidade brasileira (Oliveira, 2001).

Nos anos 30, o Estado Novo de Getúlio Vargas restringiu a imigração e proibiu a formação e concentração de núcleos etnolinguísticos, proibindo frontalmente a existência de escolas de alfabetização em língua estrangeira, sobretudo na comunidade japonesa e alemã, geralmente mais fechadas à convivência com brasileiros, bem como também proibiu que se falasse italiano, alemão ou japonês nas ruas do país (Oliveira, 2001). A consolidação da indústria e agricultura brasileira na segunda metade do século XX deve muito à presença de imigrantes europeus, de várias partes do continente, inclusive de origem polonesa, eslava, russa, e japonesa, devido a destruição de seus países no período pós-segunda guerra mundial (Figueiredo & Zanelatto, 2017). Iniciando nos anos 60 e chegando ao ápice nos anos 80, em plena crise econômica pós-ditadura, o Brasil passou a adquirir características de um país de emigração, com mais de meio milhão de

brasileiros emigrando para países do mundo todo, especialmente lugares como Estados Unidos, Japão, Inglaterra e os vizinhos Uruguai, Paraguai e Bolívia, que passaram a concentrar uma ascendente comunidade brasileira nos anos 80 e 90 (Figueiredo & Zanelatto, 2017).

A cidade de Brasília, atual capital federal, é um exemplo marcante de cidade formada pela imigração, sobretudo interna. Foi fundada em 1960 como parte do projeto político-econômico de modernização e interiorização do Brasil no século XX através da construção de cidades planejadas no centro-oeste brasileiro como Goiânia, fundada em 1933, e Palmas, fundada em 1990 (Moraes, 2003). Brasília foi planejada para ser a nova capital do Brasil e atraiu mão de obra de todo o país, especialmente de famílias do nordeste, que migraram para o centro do Brasil para sua construção, de modo que Brasília se constituiu como uma cidade de imigrantes. No entanto, a proposta de abrigar a elite política do país, as características urbanísticas voltadas para a mobilidade de automóveis e a crescente favelização submetida aos trabalhadores migrantes criaram uma cidade segregadora e pouco acolhedora, sintetizando as próprias contradições e desigualdades do Brasil (Moraes, 2003).

Nos anos 2000, com a estabilidade e o crescimento econômico brasileiro e uma legislação mais mundializada a partir do Estatuto dos Refugiados, o Brasil entrou no mapa do asilo internacional, facilitando as migrações por segurança (Requião, 2015). Muitos emigrantes brasileiros voltaram ao país e o Brasil volta a ter um perfil de país de imigração, atraindo novas levas de imigrantes trabalhadores, sobretudo do sul global, como vários países da África, Haiti, China e os países vizinhos, bem como de europeus fugindo da crise econômica de 2008 (Figueiredo & Zanelatto, 2017). A então estabilidade política e o crescimento econômico, além de atrair empresas e investimentos estrangeiros, também estimula a entrada desse novo perfil de imigrante no país, atraído não só pelos fatores citados, mas também pelo discurso de sociedade hospitaleira, de poucos precedentes de xenofobia e discriminação explícita e politizada contra imigrantes (Requião, 2015).

Diante da fundamentação teórica apresentada, o objetivo deste trabalho é analisar a produção de significados de si em dinâmicas de reflexividade e ambivalências orientadas para expectativas em relação ao futuro a partir da experiência de vida no Brasil de quatro participantes, um refugiado, um solicitante de refúgio e dois migrantes.

Método

Foi usado o método qualitativo com dois estudos idiográficos simples, compostos cada um por dois estudos de caso realizados com 4 participantes, um solicitante de refúgio e um refugiado compondo o estudo 1 e dois migrantes compondo o estudo 2. O caso do participante refugiado e o caso do participante solicitante de refúgio são baseados em duas entrevistas narrativas, e os dois casos dos participantes migrantes são baseados em duas entrevistas semiestruturadas. Serão apresentados nessa seção os procedimentos éticos da pesquisa, contexto e definições adotados, participantes, instrumentos e materiais, produção de dados e análise.

Originalmente, a proposta de pesquisa envolvia a participação de apenas dois participantes refugiados adultos, que realizariam em uma primeira sessão, uma entrevista narrativa aberta, onde o participante contaria sobre sua vida, uma segunda sessão com uma entrevista semi-estruturada, com perguntas pensadas a partir da primeira entrevista, e um último encontro com uma atividade realizada no programa Google Earth, onde o participante, juntamente com o pesquisador, percorreriam locais de interesse do participante. A ideia era analisar como processos de convencionalização ocorreriam na experiência dos dois participantes com base nos dados gerados nos três encontros. Dois participantes, um solicitante de refúgio e um refugiado, foram contatados pelo pesquisador com ajuda de um projeto de ensino de português para imigrantes vulneráveis na Universidade de Brasília após algumas semanas de participação voluntária neste projeto e a primeira sessão de entrevista foi realizada. No entanto, conseguir a participação dos dois nas sessões seguintes se mostrou difícil, os participantes se mostraram indispostos a continuar com os encontros, talvez pelo constrangimento e a exposição de falar abertamente sobre sua vida para uma outra pessoa no Brasil. Alguns encontros chegaram a ser marcados, mas os participantes não apareciam ou desmarcavam na ocasião.

Desta forma, a participação da coorientadora foi fundamental para o prosseguimento da pesquisa. Com sua experiência em contextos de desastres humanitários em diferentes países e seu contato com organizações humanitárias no Distrito Federal, se apresentaram outras possibilidades de continuidade do estudo sem a necessidade de descartar as entrevistas já realizadas. Dois novos participantes venezuelanos foram apresentados com a mediação da coorientadora e montou-se um roteiro de entrevista mais direto, que pudesse ser realizado em um encontro. Considerando as diferenças e similaridades geográficas e culturais dos dois pares de participantes, e os diferentes tipos de entrevista – narrativa e semiestruturada – pensou-se na criação de dois estudos idiográficos simples, compostos cada um por dois estudos de caso realizados com 4 participantes, dois refugiados compondo o estudo 1 e dois migrantes compondo o estudo 2. Dois casos baseados em duas entrevistas narrativas, e dois casos baseados em duas entrevistas semiestruturadas.

Procedimentos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CAAE: 83319718.9.0000.5540).

Contextos e definições

Em termos de experiência dos participantes deste trabalho, todos saíram de seus países em fuga ou passaram a estar em fuga em algum momento no tempo. A diferença entre refugiados e migrantes sem o *status* de refugiado se dá pelo risco iminente de morte daquele que demanda asilo, o refúgio se dá pela necessidade de proteger aquele que precisa. Quem solicita refúgio tem seu caso avaliado segundo critérios que justifiquem o “fundado temor ou ameaça a seus direitos humanos” previstos no Estatuto do Refugiado que considerará, além da história contada pelo solicitante, condicionantes geopolíticas e sociais envolvendo seu país de origem e este pode ter seu pedido de refúgio concedido ou negado. Optou-se por não se referir ao país de origem dos participantes do estudo 1 por se tratarem de pessoas de nacionalidades minoritárias no Distrito Federal, ao invés disso, sua origem é referida a partir dos referenciais geográficos de “país entre o Oriente Médio e a Ásia Central” para o participante 1 e “país africano” para o participante 2.

Participantes

Os participantes do estudo 1 eram alunos de um projeto humanitário vinculado ao departamento de Letras da Universidade de Brasília que ensina português para imigrantes em vulnerabilidade social, refugiados ou não, e foram convidados pelo próprio pesquisador e se disponibilizaram a participar do estudo. A proposta do estudo foi explicada informalmente e marcou-se um dia para a realização da entrevista.

O primeiro participante é homem, tinha 29 anos no momento da entrevista e vem de um país em conflito armado localizado entre o Oriente Médio e a Ásia Central, residindo no Brasil a um ano como solicitante de refúgio. Por ser fluente em inglês e falar muito pouco o português, o TCLE foi traduzido e revisado e a entrevista foi conduzida em inglês pelo pesquisador. O segundo participante é homem, tinha 22 anos no momento da entrevista e vem de um país africano de língua francesa. Estava no Brasil a um ano como refugiado e a entrevista foi conduzida em português, idioma que fala razoavelmente, a pedido do próprio participante.

Os participantes do estudo 2 foram selecionados com a mediação da coorientadora, que apresentou os participantes para o pesquisador, que agendou os encontros. Ambos são venezuelanos e tiveram as entrevistas conduzidas em espanhol. O terceiro participante é homem, com 24 anos no momento da entrevista e estava no Brasil há 3 meses como migrante. A quarta participante é mulher, tinha 40 anos no momento da entrevista, estava no Brasil a 4 anos, entre idas a Venezuela e vindas ao Brasil, como migrante.

Nenhum dos dois participantes do estudo 2 expressou desejo de solicitar refúgio ao entrar no Brasil.

Instrumentos e materiais

As entrevistas foram gravadas com um gravador digital e transcritas no idioma em que foram realizadas.

Procedimento de produção de dados

Após agendamento das entrevistas com os participantes, combinou-se um local que fosse de fácil acesso para eles. No dia das entrevistas, antes de iniciar a sessão, o pesquisador comentava brevemente sobre sua pesquisa e, com a autorização do participante, solicitava que este assinasse o Termo de Consentimento Livre-Esclarecido (TCLE), ligando o gravador em seguida. Os participantes do estudo 1 foram entrevistados na Universidade de Brasília, o primeiro participante foi entrevistado por 45:45 minutos, no turno da noite, após sua aula de português, em uma sala de aula comum desocupada, foi colocado na porta um aviso de “pesquisa em andamento” para que não houvessem interrupções durante a sessão. O segundo participante foi entrevistado por 39 minutos 59 em uma sala de professor desocupada durante a manhã, também foi sinalizado na porta que não houvesse interrupções durante a sessão. Em ambas as sessões perguntou-se ao participante “Me conte sobre sua vida”, com poucas intervenções do pesquisador durante a fala do participante. As intervenções, quando ocorreram, foram para solicitar ou permitir ao participante que seguisse falando, “como é/ocorre...?”, “quer continuar falando...?” ou “pode dar um exemplo?”. Caso o participante permanecesse em silêncio ou indicasse que estava encerrando a narrativa logo em seu início (coda). Durante a entrevista se incentivava o participante a continuar o fluxo narrativo com gestos não verbais, como acenar com a cabeça e discretos movimentos faciais. Em nenhum momento se contrariou o participante com pedidos de justificção como “porque...?” ou se reprovou ou desautorizou a fala do participante. Quando o participante indicasse claramente que finalizaria a narrativa, o pesquisador perguntava “gostaria de falar mais alguma coisa?”, e em caso negativo, desligava o gravador e anunciava o fim da sessão.

Em relação aos participantes do estudo 2, a primeira participante foi entrevistada por 01 (uma) hora e 7 (sete) minutos em um centro comercial na região central de Brasília, em um Café relativamente vazio e sem barulho. O segundo participante foi entrevistado por 58:34 minutos na casa onde morava de aluguel, na periferia de Brasília. As entrevistas do estudo 2 foram feitas baseadas em um modelo semiestruturado montado pelo pesquisador. No momento do agendamento das entrevistas do estudo 2, solicitou-se aos participantes que, se pudessem, levassem algum objeto que fosse significativo para eles e os comentassem ao final da entrevista. As entrevistas iniciavam com uma pergunta aberta, mas narrativa, “Me conte um pouco sobre como era sua vida, o que fazia, como era sua vida, de onde você vem?”, de modo que o participante poderia já responder a outras perguntas do questionário e/ou abrir a possibilidade de realização de outras

perguntas que não estavam no questionário. Assim como nas entrevistas narrativas abertas do estudo 1, se estimulava o fluxo de fala do participante, com as poucas intervenções do pesquisador já comentadas. Não se reprovou ou desautorizou o participante, ou solicitou-se que ele justificasse o que foi falado. Ao final, se pedia que o participante comentasse o objeto que havia levado para a entrevista.

As entrevistas foram transcritas pelo próprio pesquisador e só foi compartilhada para a orientadora e coorientadora do trabalho. Uma vez transcritas, foram submetidas à análise dialógica temática para identificação da produção de significados nas narrativas, tendo como unidade de análise a enunciação, foram gerados posicionamentos, significados e sentidos, a partir da leitura e releitura das entrevistas, seguida por análise pragmática do discurso para a identificação de posicionamentos.

Análise

As entrevistas foram submetidas a análise dialógica do discurso e análise pragmática do discurso, para a identificação de posicionamentos de si e do outro no discurso presente dos participantes e para a identificação de sentidos e significados dos enunciados, que possibilitam a identificação de dinâmicas de recorrências, ambivalências e reflexividades na expressão da experiência dos participantes no discurso (Forcione & Barbato, 2017). A análise temática dialógica foi aplicada a cada entrevista a fim de identificar posições, significados e sua orientação dentro do cronotopo da atividade. Mudanças de posição e tempo foram estabelecidas em relação ao presente e futuro. Este procedimento implica a identificação de redundâncias, fixando-se na interação produzida em diferentes níveis discursivos ao longo das transcrições, leituras intensivas e extensivas permitem uma análise temática diferenciada, e o potencial para relações de contraponto percebidas a partir de três focos: a) no mesmo significante que é repetido com significados agrupados; b) nos mesmos significados agrupados, atualizados em diferentes expressões; e c) ambivalências. Mapas semânticos foram produzidos com o auxílio do *software Xmind 8* e descritos em detalhes com os principais significados, sentidos e ambivalências organizados em um *cluster*, buscando pôr em evidência os significados e dinâmicas reflexivas produzidas no presente sobre o passado e suas orientações para atuações no futuro.

Resultados

As relações entre *Self*, posicionamentos e identidade se mobilizam com a convencionalização de significados no tornar-se outro em deslocamento e contato com outra cultura, adquirindo outros posicionamentos que se concretizam junto com ambivalências em outro espaço geográfico e social. A noção de continuidade de si se dá na relação entre *Self* e identidade em contexto dialógico, expandindo-se na historicidade da cultura em que se situam por meio de dinâmicas de reflexividade, pautadas por crises e transições, que se orientam para o futuro, de modo que os processos identitários e o *Self* são dialógicos entre si promovendo processos de convencionalização. Quanto aos diferentes métodos utilizados no estudo 1 e estudo 2, os resultados indicam que nas narrativas abertas feitas com refugiados, o choque de historicidades se regula por posicionamentos autovalorativos em relação a competência pessoal, posicionamentos ambivalentes em relação a atuação de mulheres na sociedade, solidão gerada por padrões de socialização em atrito e abertura da possibilidade de novas atuações orientadas para o futuro a partir da promoção de práticas democráticas.

Nas entrevistas semiestruturadas feitas com migrantes venezuelanos, os resultados indicam que as dinâmicas reflexivas se regulam pelo valor do estabelecimento profissional no Brasil, significados relacionados a formação e realocação da família no país e a promoção de espaços resilientes pela mediação de organizações humanitárias. Inicialmente será apresentada a discussão do contexto de fuga do participante de seu país e quando possível, uma descrição de sua trajetória pessoal, de sua travessia até chegar ao Brasil. Em seguida, será apresentada uma descrição do que foi falado nas entrevistas destacando os significados e posicionamentos produzidos em cada caso, junto com a apresentação de figuras onde se apresenta as dinâmicas entre significados que regulam os relatos, posicionamentos e ambivalências dos participantes seguida da discussão de cada caso.

Estudo 1

Narrador - Caso 1

O narrador 1 produz dinâmicas de reflexividade a partir de ambivalências geradas no embate experienciado nas inter-historicidades em vivência no Brasil. Sua narrativa é regulada por movimentos de crise e transição relacionadas sobretudo as formas de organização cultural e pela participação das mulheres na vida do trabalho. A narrativa se produz em torno dos estilos de vida no país, a autodeterminação para superar as adversidades da vida como refugiado, dificuldades com o idioma, comparações entre culturas dos dois países e a qualidade de serviços institucionais atribuídas negativamente a liderança feminina. Os impactos culturais produzidos no contato de historicidades media processos de convencionalização promovendo transformações nos significados de si na imersão em contextos de valores e práticas sociais desconhecidas.

O país de origem do participante se encontra em conflito armado desde o final dos anos 70, tendo uma história marcada por pobreza extrema e conflitos entre diferentes grupos étnicos, invasões colonialistas e radicalização religiosa. Ao longo de 40 anos de conflitos violentos, muitos cidadãos se asilaram nos países vizinhos como refugiados. O participante 1, em sua fuga, passou pelo oriente médio, chegando ao Brasil e vivendo em Brasília por um ano como solicitante de refúgio. Sua narrativa se concentrou nos aspectos presentes de sua vida, não relatando sua viagem ou detalhes sobre sua vida no passado. Em seu país de origem trabalhava como professor e intérprete de inglês, além de também ter sido atendente de *call center*.

Com experiência de trabalho de muitos anos, tendo trabalhado em outros países e em projetos curriculares de escolas e organizações transnacionais, a situação política de seu país o forçou a pedir asilo no Brasil para: “sobreviver, ter um futuro melhor e conhecer o mundo”. Conhecer outras pessoas, culturas, estilos de vida da comunidade internacional e conseguir uma educação melhor são algumas intenções apontadas como objetivos de sua vida no presente. Define que a vida no Brasil é difícil: “não me permite trabalhar adequadamente, ajustar minha vida e estudar o que eu quero estudar”. Trabalha vendendo produtos o dia todo, o que não lhe dá tempo para estudar e está com problemas financeiros.

SIGNIFICADOS EM UMA NOVA CULTURA

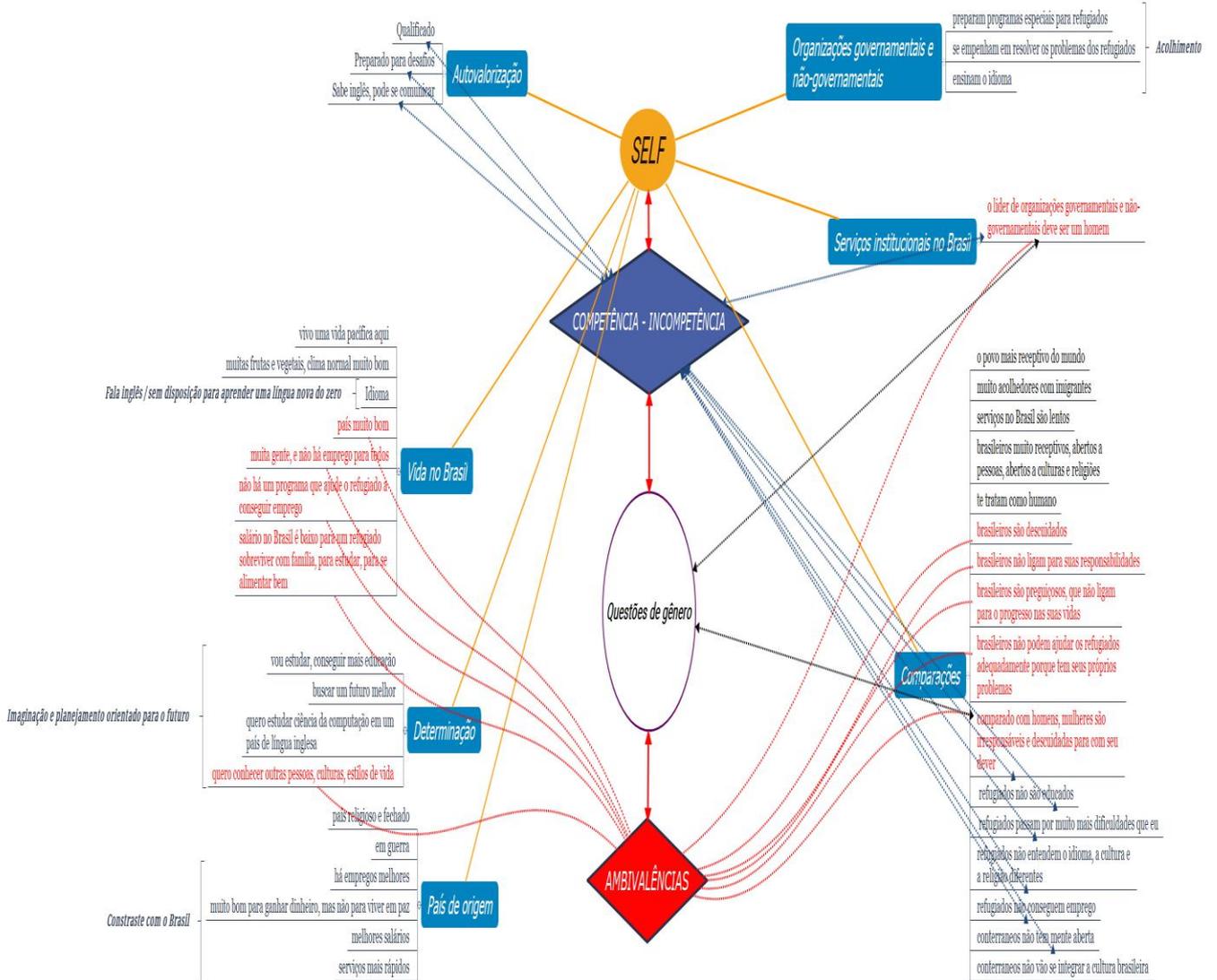


Figura 1: mapa de significados do participante 1.

As posições-Eu refugiado e as posições em relação ao Brasil evidenciam ambivalências. Os posicionamentos positivos que faz ao Brasil: “sou feliz aqui”, “vivo uma vida pacífica aqui”, realçando qualidades positivas do país nos posicionamentos: “tem muitas frutas e vegetais”; “um clima normal muito bom”, se chocam com posicionamentos negativos: “não dá ajuda suficiente para os refugiados”; “tem muita gente, e não há emprego para todos”; “não há um programa que ajude o refugiado a conseguir emprego e resolver problemas burocráticos”; “salário no Brasil é baixo para um refugiado sobreviver com família, para estudar, para se alimentar bem”. Estes posicionamentos se orientam para o significado de má qualidade de vida e de trabalho no sentido de dignidade de vida. As ambivalências são indicadores de processos de convencionalização que ocorrem ao adquirir novos posicionamentos em contato com outro *ground* semiótico em momentos de ruptura no presente, criando-se tensões entre suas metas, reguladas pelos significados de abertura e determinação em relação ao novo e os posicionamentos antigos que se mantêm, atualizando-se na concretude das relações em outro contexto cultural e histórico.

As ambivalências também ocorrem entre os posicionamentos positivos que faz em relação aos brasileiros relacionados ao significado de abertura nos sentidos de acolhimento e dignidade: “são muito receptivos”; “o povo mais receptivo do mundo”; “muito acolhedores com imigrantes”; “abertos a pessoas”; “abertos a culturas e religiões”; “te tratam como humano”; e os posicionamentos negativos: “descuidados”, “não ligam para suas responsabilidades”, “preguiçosos, que não ligam para o progresso nas suas vidas” e “não podem ajudar os refugiados adequadamente porque tem seus próprios problemas”. As posições-Eu refugiado que orientam seus objetivos produzem significados de determinação nos sentidos de planejamento e expectativas para o futuro: “quero estudar ciência da computação em um país de língua inglesa”; “vou estudar, conseguir mais educação”; “buscar um futuro melhor”. Os significados de determinação e competência regulam seus objetivos para o futuro com sentidos de adaptação, planejamento e superação de adversidades. Esses significados regulam o *Self* em contraposição a experiência de deslocamento e dificuldades que passa no Brasil. Os posicionamentos positivos em relação ao seu país de origem são feitos em comparação ao Brasil: “há empregos melhores”; “melhores salários”; “serviços mais rápidos”; em contraste aos posicionamentos negativos: “é um país religioso e fechado”; “está em guerra”; “não tem as comodidades da comunidade internacional”; “muito bom para ganhar dinheiro, mas não para viver em paz”. O significado de incompetência regula posicionamentos negativos feitos em relação a outros refugiados: “não vão se integrar a cultura brasileira”; “não são educados”; “passam por muito mais dificuldades que eu”; “não conseguem emprego”; e também aos outros conterrâneos: “não tem mente aberta”, “não vão se integrar a cultura brasileira”.

O narrador posiciona os serviços institucionais no Brasil como incompetentes, “lentos” e os compara

com seu país de origem, onde são “rápidos”, justificando este posicionamento a presença feminina em cargos de liderança dessas instituições: “o líder de organizações governamentais e não-governamentais deve ser um homem”; regulando o posicionamento em relação a mulheres pelo significado de incompetência: “comparado com homens, mulheres são irresponsáveis e descuidadas para com seu dever”, exemplificando estes posicionamentos narrando experiências ruins com serviços em instituições como bancos e correios onde foi atendido por mulheres. As posições-Eu refugiado: “qualificado”; “sou preparado para desafios”; “eu me saio melhor, conheço inglês, posso me comunicar”; são regulados pelo significado de competência, que se relacionam com sua autovalorização. Estes significados contrastantes de competência – incompetência regulam o *Self* em sua experiência relacional em outro país se orientando, por um lado, para sua própria autovalorização, ao mesmo tempo que a usa para avaliar a capacidade do outro compatriota e do outro refugiado em lidar com as mesmas circunstâncias de modo que os posicionamentos autovalorativos são regulados pelo significado de competência e os posicionamentos dirigidos aos outros regulados pelo significado de incompetência.

Discussão

Os significados reguladores de competência e incompetência atuam na intersubjetividade negociando realidades históricas distintas postas em choque (França & Barbato, submetido; Straub, 2005) uma vez que, em momentos de crise transicional de deslocamento, assumem a função relacional de autovalorização dos posicionamentos do participante: “tenho anos de experiência de trabalho”; “eu sei inglês, me saio melhor”. Os processos de convencionalização (Bartlett, 1995) atuam em contextos dialógicos onde o *Self* e a identidade, em contato com outra cultura, adquirem posicionamentos novos, mas atualizando e concretizando os posicionamentos antigos. O participante, ao deslocar-se para o Brasil, entra em contato com historicidades distintas (Barbato, Marques & Alves, submetido; Segato, 2012) evidenciadas por crises e transições relacionadas a valores de gênero que geram posicionamentos ambivalentes em relação a atuação de mulheres na vida pública e aos estilos de vida dos brasileiros: “comparado com homens, mulheres são irresponsáveis e descuidadas para com seu dever”, “não ligam para suas responsabilidades”.

As dinâmicas de reflexividade em sua narrativa se orientam para o futuro pela expectativa de sair do Brasil, por meio da produção de significados que são atualizados em novas formas de atuação concretizadas no presente (Forcione & Barbato, 2017; Zittoun, 2009) e pela transformação de posicionamentos (Barbato, Mieto & Rosa, 2016): “quero estudar ciência da computação em um país de língua inglesa”. A confiança nas próprias habilidades, apresentada na narrativa como conhecimento de inglês e experiência profissional, orientam seu posicionamento em relação aos outros conterrâneos e com as novas culturas com as quais interage no Brasil. Essa forma de atuação sintetiza afetos e atualiza posicionamentos passados (Rosa, 2015, Volochinov, 2018) mantendo a continuidade de si ao mesmo tempo em que promove uma historicidade individual transnacional distinta (Vertovec, 2009) que reorientam socialmente o desenvolvimento de crenças

(Bruner, 1990; Rosa, 2015).

A qualidade negativa dos serviços no Brasil vinculadas à presença de mulheres na vida pública concretizam sua crise de transição interpeladas por ambivalências (Abby & Valsiner, 2005) promovidas no *inbetween* (Buber, 1937) com a nova cultura. A dialogicidade da continuidade de si (González, 2017) em deslocamentos também envolve a manutenção de práticas e valores tradicionais de uma cultura e a relação ambivalente com o próprio país (Märtsin & Mahmoud, 2012), o participante expressa a impossibilidade de uma vida pacífica em seu país em contraste com as suas possibilidades financeiras: “muito bom para ganhar dinheiro, mas não para viver em paz”. O significado de receptividade dos brasileiros a outras culturas em contraste com o significado de irresponsabilidade, num movimento de reavaliação de significados no deslocamento (de Saint-Laurent, 2017; Forcione & Barbato, 2017), produzem valorações negativas para a distinção situada de outras pessoas e práticas culturais que não eram conhecidas anteriormente (Valsiner, 2007) que afetam a reflexividade em momentos de tensão (Mieto, Barbato & Rosa, 2016; Zittoun, 2015). As forças ideológicas e afetivas (Barbato, 2018; Volochinov, 2018) nas relações entre o indivíduo e cultura em contato com outras historicidades promovem interpretações de si radicalizando posicionamentos no movimento de recontextualizações históricas (Radhkrishnan, 2003) que impactaram o participante em seu contato com as culturas do Brasil.

Narrador - Caso 2

O narrador 2 produz dinâmicas de reflexividade a partir do atrito de práticas culturais e padrões de socialização em tensão nos momentos de transição regulados pela solidão. A abertura para possibilidades no futuro em contexto de práticas democráticas se relacionam com a produção de significados de si que promovem processos de convencionalização orientados para auto-regulação na produção de novos posicionamentos que negociam a sociabilidade no contato com uma nova cultura.

O país do segundo participante passa por um recente conflito civil envolvendo grupos separatistas e um governo não democrático. O entrevistado é estudante universitário na UnB, tendo entrado pela modalidade de estudante refugiado. Está no Brasil como refugiado com sua mãe e os irmãos há um ano e meio. Sua narrativa, assim como a do narrador 1, se foca em aspectos da vida no presente, com menções pontuais ao passado em seu país de origem. Narra brevemente seu cotidiano: toma café da manhã, vai a universidade e estuda ao voltar para casa. Se posiciona como protestante, se dedica a atividades domésticas: “faço o que minha mãe quiser que eu faça” e estuda a bíblia nos finais de semana. Como lazer, gosta de jogar video-game, caminhar, ver filmes, séries e jogos de futebol.

SIGNIFICADOS EM UMA NOVA CULTURA

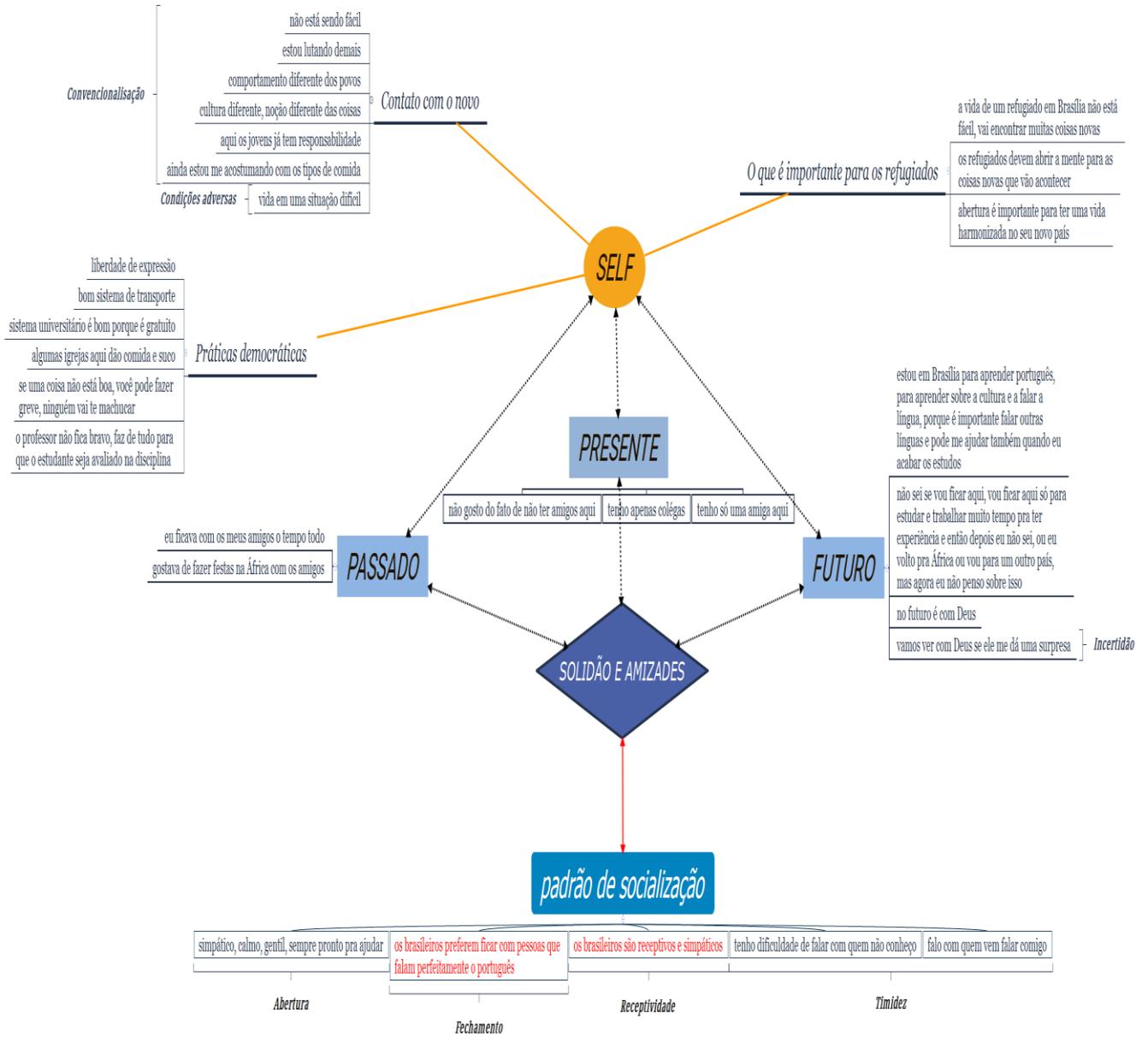


Figura 2: Mapa de significados do participante 2

As posições-Eu refugiado: “não está sendo fácil”, “estou lutando demais”, “ainda estou me acostumando com os tipos de comida”, “as coisas são diferentes, cultura diferente, noção diferente das coisas”, “comportamento dos povos é diferente”, “as maneiras de fazer religião são diferentes” evidenciam o significado de choque de práticas com a vida num novo país, especialmente em relação a socialização e a cultura, afirmando a necessidade de novas formas de posicionamento: “vou me acostumar”, “você tem que se acostumar, se não, não vai conseguir conviver com vizinhos”, indicando a atuação de convencionalização no choque de práticas.

O participante narra que ele e sua família vivem “numa situação bem difícil” já que sua mãe está desempregada e o irmão mais velho é estagiário em um banco, o que faz com que ele tenha que dar aulas de inglês e francês para ajudar a pagar as contas da casa. Ainda na posição-Eu refugiado, diz gostar do sistema de transporte brasileiro, da educação universitária e da liberdade de expressão, caracterizando a sociedade brasileira pelas práticas democráticas: “se uma coisa não está boa, você pode fazer greve, ninguém vai te machucar, as pessoas podem protestar” e diz não gostar da comida, “não é a mesma comida que tinha na África, aqui é diferente”.

Os significados de solidão regulam a posição-Eu estudante universitário no Brasil: “não gosto do fato de não ter amigos aqui”, “passo muito tempo sozinho aqui”, comparando com sua vida na África, onde tem muitos amigos: “morava num bairro muito fechado, então eu ficava com os meus amigos o tempo todo”, com estes amigos mantêm contato e conversa diariamente pelo celular. Se posiciona como muito tímido: “tenho dificuldade de falar com quem não conheço, se vier falar comigo eu falo, se não, fico no meu canto” em contraste com posições-Eu autovalorativas: “sou um menino simpático, calmo, gentil, sempre pronto pra ajudar”, posicionamentos regulados pelo significado de abertura, no sentido de socialização. Narra que gostava de fazer festas na África com os amigos, e que não faz aqui porque não tem amigos, ir a festas no Brasil sai caro e não pode ficar fora de casa até tarde: “minha mãe não deixa eu sair tarde demais, as 21 horas já tenho que estar em casa”.

As posições em relação aos brasileiros são ambivalentes, por um lado são regulados pelo significado de abertura e solidariedade: “os brasileiros são receptivos e simpáticos”, “mais simpáticos que as pessoas do meu país”, “algumas igrejas aqui dão comida e suco”, e por outro são regulados pelo significado de distância: “brasileiros preferem ficar com pessoas que falam perfeitamente o português”, marcando a distinção de práticas de sociabilidade entre as culturas. Afirma que só tem uma amiga aqui, que conheceu em uma matéria na universidade, posicionando-a como “minha única amiga aqui, a gente fala sobre tudo e ficamos conversando pelo whatsapp”, posiciona as outras pessoas que conhece no Brasil como “apenas colegas”. Posiciona a universidade como boa, porque é gratuita: “ajuda os estudantes, faz de tudo para o estudante ser aprovado”, através de monitorias e do Moodle, e o professor: “não fica bravo, faz de tudo para

que o estudante seja avaliado na disciplina”, posicionamentos regulados pelo significado de benefício, no sentido de promoção de práticas democráticas.

Os posicionamentos feitos em relação a outros refugiados: “a vida de um refugiado em Brasília não está fácil, vai encontrar muitas coisas novas”, “deve se acostumar”, “abrir a mente para as coisas novas que vão acontecer, isso é importante para ter uma vida harmonizada no seu novo país”, produzem significados de aceitação as novas circunstâncias em uma outra cultura. As posições-Eu que orientam suas expectativas para o futuro: “não sei se vou ficar aqui, vou ficar aqui só para estudar e trabalhar muito tempo pra ter experiência e então depois eu não sei, ou eu volto pra África ou vou para um outro país, mas agora eu não penso sobre isso, no futuro é com Deus”, produzem significados de incerteza. As posições-Eu em relação a universidade: “eu tô fazendo isso só porque vai ter mais abertura pra conseguir emprego estável se eu conseguir acabar tudo” e as posições-Eu em relação a vida no Brasil: “estou em Brasília para aprender português, para aprender sobre a cultura e a falar a língua, porque é importante falar outras línguas e pode me ajudar também quando eu acabar os estudos, depois vamos ver com Deus se ele me dá uma surpresa”; produzem significados de utilidade no sentido de necessidade. Relata que chegou a fazer um curso de introdução a Letras-Francês em seu país de origem, mas que aqui no Brasil não quer continuar a estudar língua francesa: “teria que trabalhar como professor de francês e eu não quero isso, eu quero trabalhar em um espaço fixo”.

Discussão

As dinâmicas de reflexividade promovem a produção de significados de si nos momentos de transição (Mieto, Barbato & Rosa, 2016) que se dão nos significados de choque e impacto entre culturas diferentes, expressados pelo participante na posição-Eu: “as coisas são diferentes, cultura diferente, noção diferente das coisas” e “o comportamento dos povos é diferente”. O impacto de historicidades cria atritos relacionados aos padrões de socialização distintos vivenciados pelo participante que promovem renegociações no encontro com outros sociais em uma nova cultura (Märtsin & Mahmoud, 2012).

Estas renegociações são reguladas pelo significado de solidão: “não gosto do fato de não ter amigos aqui” e pelo significado de distância na posição-outro do brasileiro: “brasileiros preferem ficar com pessoas que falam perfeitamente o português”, indicando processos de convencionalização (Bartlett, 1995) que operam no contato entre o participante e os brasileiros e estão indicados pelo afeto da solidão, que se situa no *inbetween* (Buber, 1937) do contato intercultural, onde os padrões de socialização distintos estão em negociação tanto para o participante quanto para os brasileiros. A convencionalização da sociabilidade no Brasil orienta novos posicionamentos autovalorativos: “sou simpático, calmo, gentil, sempre pronto pra ajudar”, indicando a atualização de posicionamentos orientados para a abertura a novas formas de sociabilidade a partir da negociação de culturas e realidades históricas (França & Barbato, submetido; Straub, 2005) com distintas práticas de socialização.

As práticas democráticas no Brasil evidenciadas na eficiência dos serviços sociais, na qualidade de

infraestrutura urbana e gratuidade da educação superior no Brasil apontam para condições sociais que favorecem navegações e negociações em um novo contexto ambiental (Ungar, 2012) que promovem resiliência e a reorientação de atuações reflexivas (Barbato, Mieto & Rosa, 2016; Zittoun, 2015): “Se uma coisa não está boa pra você, você pode começar uma greve, ninguém vai te machucar”. Estar no Brasil proporciona a abertura de possibilidade de agência em relação ao futuro: “estou em Brasília para aprender português, para aprender sobre a cultura e a falar a língua, porque é importante falar outras línguas e pode me ajudar também quando eu acabar os estudos”. O contexto dialógico do contato entre culturas e o senso de continuidade de si se reorienta por meio da auto-regulação (González, 2017) pelas posições-Eu: “vou me acostumar”, “você tem que se acostumar, se não, não vai conseguir conviver com vizinhos”, se orientando para a negociação de valores e a aquisição de novos posicionamentos.

Estudo 2

Entrevistada venezuelana - Caso 3

A entrevistada produz dinâmicas reflexivas a partir dos movimentos de crise e transição instaurados pelo abandono do trabalho na Venezuela e a distância dos filhos nos primeiros períodos vivendo no Brasil. A relação de afeto da entrevistada com seu país é regulada por posicionamentos ideológicos de culpabilização ao regime político e aos venezuelanos pela atual situação econômica e política instável do país. Os processos de convencionalização se orientam à permanência da família no Brasil e a novas possibilidades de emprego e atuação na ajuda a outros imigrantes venezuelanos no país pela mediação de uma organização humanitária.

A participante veio para o Brasil acompanhando o marido médico, que havia recebido uma proposta de trabalho no país. Presenciou os primeiros sinais de crise econômica e humanitária na Venezuela, com a inflação da moeda e o desabastecimento de alimentos e outros produtos básicos. Vive no Brasil a 4 anos, alternando entre temporadas na Venezuela e temporadas vivendo no Brasil até se estabelecer definitivamente com os filhos e o marido. Na Venezuela, vivia em uma província ao sul do país que faz fronteira com o estado brasileiro de Roraima. Para vir ao Brasil, cruzava a fronteira sozinha por terra, saindo de Ciudad Guayana, onde vivia e indo a cidade de Santa Elena, próximo a fronteira, chamada pelos venezuelanos de “La Línea”. Por ter cunhados nesta região, passava a noite aí e depois seguia viagem até Pacaraima, e de lá seguia para Boa Vista, de lá tomava um avião para Brasília, onde seu marido lhe buscava.

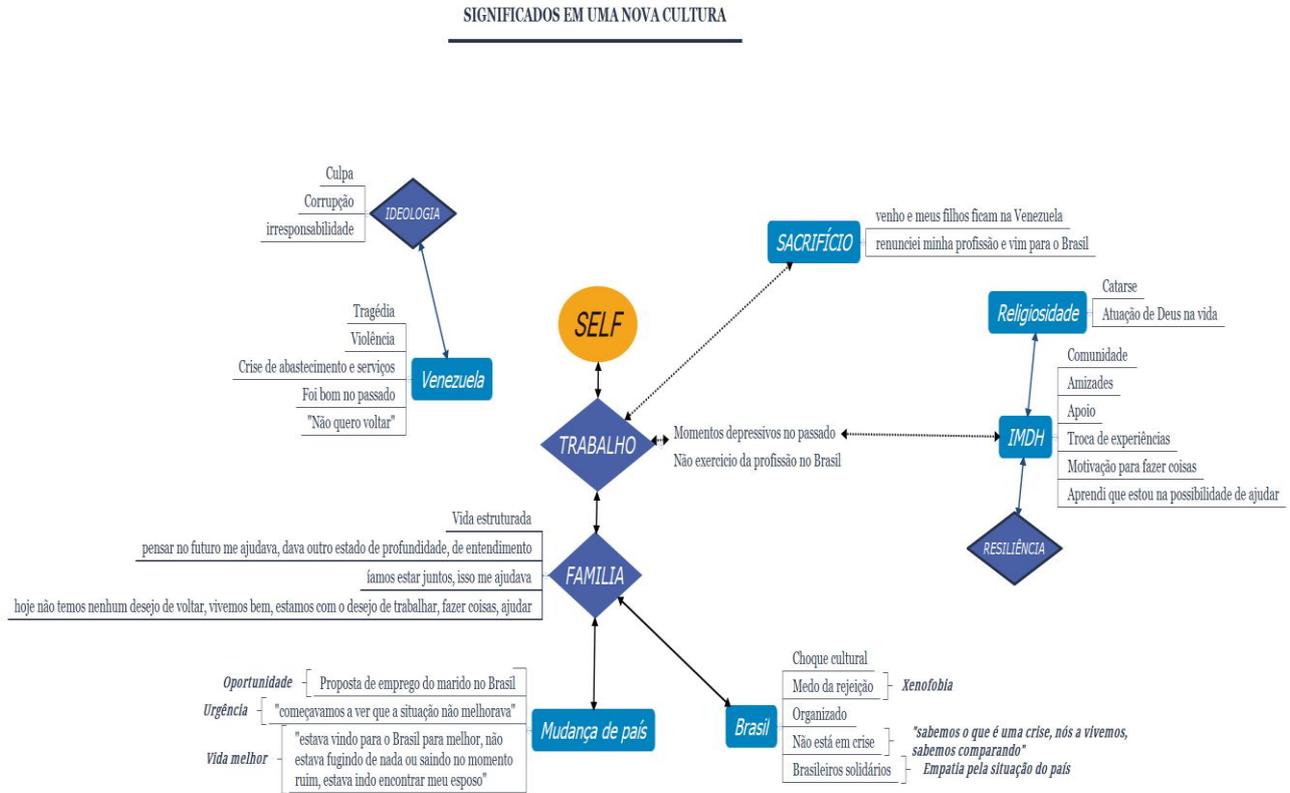


Figura 3: Mapa de significados da participante 3.

As posições-Eu emigrante produzem significados de urgência, oportunidade e sacrifício no sentido de busca de um futuro melhor e regulam o *Self* na tomada de decisão de sair da Venezuela: “começávamos a ver que a situação não melhorava”, “estava vindo para o Brasil para melhor, não estava fugindo de nada ou saindo no momento ruim, estava indo encontrar meu esposo”, “renunciei minha profissão e vim para o Brasil”, “Deixei de fazer algo que eu gostava para seguir ele (marido), isso foi frustrante”, “14 anos trabalhando na mesma instituição, me sentia realizada”, “venho (para o Brasil) e meus filhos ficam na Venezuela”. Ao narrar a vida no Brasil, as posições-Eu imigrante produzem o significado de choque no sentido de crise: “tive momentos depressivos, passei por muitos momentos de depressão nesses quatro anos”, relacionados com o significado de trabalho e de família: “meu marido se dedicava a trabalhar e eu me dedicava a ficar em casa, estar sozinha na casa me colocava nessa posição”.

Neste momento de transição, o *Self* se regula pelas posições-Eu no futuro: “pensar no futuro me

ajudava, dava outro estado de profundidade, de entendimento”, “A partir da segunda viagem, apesar da tristeza, pensava no bom que viria no futuro”. As posições-Eu cristã: “depois que entendi como Deus atuava passei a confiar nele, foi minha fé nele que me fez estar bem” e “foi um alívio ter chorado na igreja do meu marido, não era meu costume, senti que me aliviei, não entendia português” produzem o significado de catarse no sentido de resiliência nos momentos de fragilidade emocional.

Os posicionamentos em relação ao marido se dão no sentido de auxílio e preparo: “meu esposo sempre me apoiava em outras coisas, sair, conhecer, buscar uma maneira”, “No início, fazia todos os trâmites e foi me ensinando”, “para ele foi mais fácil se adaptar porque veio com uma proposta de trabalho, se preparou, aprendeu português antes, sabia o que é viver em outro país”. Os posicionamentos em relação ao IMDH, instituição filantrópica que se dedica ao atendimento jurídico e socioassistencial a pessoas de outros países, se regulam pelo significado de comunidade nos sentidos de acolhimento e suporte: “me envolvi muito com as atividades do IMDH”, “foi como uma casa para mim, encontrei amizades, conversamos, nos comunicamos”, regulando o *Self* pela promoção de novos posicionamentos de forma resiliente indicando atuação de convencionalização: “me fez sentir firmeza, com vontade de fazer coisas”, “Fazem muitas atividades que ajudam a ter conhecimento”, “Agora oferecem revalidação de diploma”. Após conseguir trazer o filho mais novo, este passou a estudar na escola e a aprender português, inclusive a ajudando com o idioma, ressaltando suas dificuldades em se adaptar no Brasil: “eles (colegas brasileiros) riam de seu sotaque na escola”, “ele está em processo de adaptação, não se entendia bem com os brasileiros”. Posiciona o filho como alguém que deseja ficar no Brasil: “fala que não voltaria para Venezuela nem de férias” após este voltar definitivamente ao Brasil depois de concluir o Ensino Médio na Venezuela, vivenciando a piora na qualidade de vida no país.

O significado de tragédia, no sentido de falta de dignidade para viver, regula os posicionamentos em relação ao seu país: “há muita violência, mais violência do que havia antes”, “os médicos estão partindo, os hospitais estão fechando”, “pessoas não estão se alimentando direito e devem ir até a fronteira com o Brasil para comprar alimentos”, “o país não estava nessa situação quando cheguei aqui (Brasil)”. Posiciona a Venezuela no passado: “era considerado rico, com fontes para continuar sendo rico”, “recebeu muitos imigrantes que fizeram a vida lá”. Os posicionamentos que faz em relação ao governo, os políticos venezuelanos e as pessoas do país se regulam pelos significados de culpa no sentido de irresponsabilidade e corrupção: “sabemos que toda culpa pode cair sobre o governo”, “misturaram a todos, pobres e classe média”, “implementaram um governo em que só eles ganham”, “os pobres recebiam auxílio do governo e usavam mau o dinheiro, o governo dava muitos benefícios e eles se acostumaram a isso”, “devem reeducar ao povo, ao país para que sejam honestos”, “o governo venezuelano expropriou negócios e empresas de gente competente e as deu para a chamada população menos favorecida”, “Desde o início começou pela má gestão, com proposta que eles tiveram com o comunismo, socialismo”. Os posicionamentos em relação ao governo da Venezuela se chocam às posições-Eu cidadã: “não somos iguais, se você estuda e trabalha é por

uma vida melhor, mas sua vida não pode ser a mesma se você não trabalha e não estuda”, “Isso pra mim foi o caos, se você não sabe manejar uma empresa, te dão uma empresa que foi tomada de alguém que sabe administrar uma”.

Os significados de solidariedade no sentido de empatia e interesse regulam os posicionamentos feitos em relação aos brasileiros: “fiquei impressionada em ver brasileiros dando comida aos venezuelanos na fronteira”, “nosso jeito de falar, nossa língua os agrada”, “nos vêem como ‘ah, seu país está mal, passam fome, estão comendo do lixo’, algo de medo ou pena pelo país”. Narra que ao chegar ao Brasil, suas primeiras impressões foram de que “tudo parecia bonito, funcionar bem, senti que estava em um país desenvolvido, mas agora vejo que a realidade é outra”, “dizem que o Brasil está mal, mas para nós está bem, porque sabemos o que é uma crise, nós a vivemos, sabemos comparando”. A posição-Eu migrante: “tenho pena de dizer que sou venezuelana, tenho medo da rejeição, agora a xenofobia voltou, se expandiu, não quero passar por isso”, se regula pelo significado de medo. Por ser venezuelana, teme ser confundida como parte do grupo de “venezuelanos maus”, que segundo ela, seriam aqueles que cometem crimes.

O significado de tragédia nos sentidos de incerteza e sobrevivência regulam os posicionamentos que faz em relação aos venezuelanos que migram para o Brasil: “pessoas que saem só com uma maleta, seus títulos e diplomas e o pouco dinheiro que tiveram com a venda de suas coisas”, “Há histórias de gente que foi andando de Pacaraima a Boa Vista”, “Pensam que chegando a Boa Vista podem fazer um pouco mais de dinheiro para seguir viagem”, “muitos usam o Brasil para chegar ao Peru”. O significado de comunidade no sentido de suporte regula sua relação com os outros venezuelanos: “estamos nos organizando de alguma maneira, trocamos informação, com isso muitos conseguem emprego, isso minimiza a pressão”.

No presente, as posições-Eu migrante concretizam a atualização de significados de abertura ao novo nos sentidos de novas de ajudar os outros e de realização de novas atividades, uma vez que está com toda sua família estabelecida aqui e iniciou um curso profissionalizante em uma instituição: “aprendi que estou na possibilidade de ajudar”, “enquanto família, estamos bem organizados aqui”, “este ano melhorou porque pude trazer meus filhos e meu neto, que vive e nasceu aqui, isso ajudou a me sentir firme”, “O que eu quero fazer é ajudar os que chegam, para que não precisem passar pelas coisas que eu passei por desconhecimento”, “acredito que esse curso que comecei é uma porta que se abre para o mercado de trabalho”. As posições-Eu migrante em relação ao Brasil também se regulam pelo significado de abertura, orientandos para o desejo de ficar no Brasil: “me sinto bem no Brasil agora, com desejo de fazer as coisas que se apresentam, sendo ativa, útil, desejo seguir adiante”, “estamos buscando uma maneira de ficar aqui, gerar nosso próprio dinheiro”, “hoje não temos nenhum desejo de voltar, vivemos bem, estamos com o desejo de trabalhar, fazer coisas, ajudar”

O objeto escolhido para comentar, ao final da entrevista, foi uma foto no celular de seu diploma de enfermeira, guardado desde que veio para o Brasil, narrando a dificuldade e o esforço para consegui-lo na Venezuela, bem como a frustração de não poder exercer a profissão que almejava desde pequena, “no melhor

momento em que eu estava exercendo minha profissão, foi quando tive que renunciar, trabalhava na sala de parto e estava sendo promovida”. Afirma que quando decidiu sair do país, seus colegas se preocuparam, “muita gente disse ‘você tem certeza disso?’” mas se posiciona como determinada, “acredito que tudo me deu a razão, foi para melhor”. No momento da entrevista, a validação do seu diploma no Brasil já estava em processo.

Discussão

A migração para o Brasil instaura um obstáculo a reflexividade (Mieto, Barbato & Rosa, 2016) e à formação de novos posicionamentos no futuro da participante através do impedimento do exercício profissional como enfermeira e a distância dos filhos: “Isso foi um choque no primeiro momento, tive momentos depressivos”. Os processos de convencionalização (Bartlett, 1995) são oportunizados na negociação entre o ordinário e o extraordinário promovidos pelo contato entre historicidades (Barbato, Marques & Alves, submetido, Segato, 2012) e recebem a intervenção de instituições que regulam a temporalidade dos processos de transição no *Self* (França & Barbato, submetido; Marsico, 2015). Os significados de trabalho e família se estendem como continuidade de si em novas historicidades orientadas para o futuro produzindo atuações distintas (Rosa, 2015; Valsiner, 2016).

A convencionalização (Bartlett, 1995) de possibilidades de atuações orientadas para o futuro são mediadas pela organização IMDH e o estabelecimento da família no Brasil, promovendo processos protetivos de resiliência orientados para mudanças e para a agencialidade (Ungar, 2012) da participante: “Aprendi que estou na possibilidade de ajudar”. Os significados de sacrifício por abandonar sua profissão e os significados de medo de voltar a Venezuela marcam o processo de reflexividade na transição (Mieto, Barbato & Rosa, 2016) promovida após a mudança de país: “Hoje não temos nenhum desejo de voltar, vivemos bem, estamos com o desejo de trabalhar, fazer coisas, ajudar”.

Os significados de comunidade, acolhimento e esperança regulam sua relação com a organização IMDH, evidenciados pelas posições-Eu “foi como uma casa pra mim, encontrei amigadas, conversávamos, nos comunicamos”, “me fez sentir firme, com vontade de fazer coisas”, onde esses significados convencionalizados concretizam no presente novas possibilidades de atuação (Zittoun, 2009). As expectativas orientadas para o desejo de um futuro melhor ao lado de sua família: “pensar no futuro me ajudava, dava outro estado de profundidade, de entendimento” e “íamos estar juntos, isso me ajudava” indicam a reflexividade no movimento de transição da participante no presente e a imaginação do futuro como forma de regulação da situação presente (Brescó de Luna, 2017).

Os significados de comunidade familiar em um outro país produzidos na posição-Eu “hoje não temos nenhum desejo de voltar, vivemos bem, estamos com o desejo de trabalhar, fazer coisas, ajudar” indicam a atuação da convencionalização concretizando no momento presente novas práticas familiares e possibilidades de vida profissional: “Estamos buscando uma maneira de ficar aqui, gerar nosso próprio

dinheiro” e a atualização de possibilidades de vida em um novo país: “Me sinto bem no Brasil agora, com desejo de fazer as coisas que se apresentam, sendo ativa, útil, de seguir adiante”.

O significado ideológico em relação ao regime político da Venezuela é gerado por forças emocionais e ideológicas (Barbato, 2018; Volochinov, 2018) que promovem processos de significação marcadas por dinâmicas emocionais em relação ao próprio país (Boccagni & Baldassar, 2015), orientam seus posicionamentos para os significados de culpa, irresponsabilidade e corrupção: “implementarão um governo em que só eles ganham”, considerando que o país que tinham no passado, em que se vivia dignamente, foi desmantelado pelo atual regime de governo: “era considerado rico, com fontes para continuar sendo rico”. Estes posicionamentos ideológicos se convencionalizam na concretização do contato com uma nova realidade política, energizando afetivamente posicionamentos ideológicos regulados pelos significados de trabalho e esforço: “Não somos iguais, se você estuda e trabalha é por uma vida melhor, mas se você não trabalha e não estuda sua vida não pode ser a mesma”.

Entrevistado venezuelano - Caso 4

As dinâmicas de reflexividade do entrevistado se regulam na entrevista pela tomada de decisão de sair da Venezuela e pelos posicionamentos abertos pela estabilidade do trabalho no Brasil. Os indicadores de crise e transição se produzem na possibilidade de se estabelecer profissionalmente, trazer os familiares e formar uma família com a esposa no Brasil, orientando os processos de convencionalização. A travessia da Venezuela para o Brasil mediada por uma rede de amigos e familiares venezuelanos já estabelecida no país permitiu a produção de posicionamentos direcionados a sua permanência no país.

O entrevistado está a pouco mais de 3 meses no Brasil. Vivia no sul da Venezuela e exercia a profissão de bombeiro. Diante das dificuldades econômicas, ele e a esposa tiveram que trabalhar em muitos serviços temporários, “começamos a fazer vários trabalhos, buscando meios de ganhar dinheiro” e também passaram a viver de forma nômade no próprio país, de cidade em cidade trabalhando com negócios e serviços, “vivíamos num lugar e logo nos mudávamos buscando melhorar a vida”. Diz que gostaria de ter feito uma faculdade na Venezuela, mas a situação econômica dificultava conseguir tempo e dinheiro para isso, “não tinha como aprender outras coisas”.

A travessia para o Brasil se deu por terra, o participante e a esposa foram de ônibus até Santa Elena, onde se abrigaram na casa de amigos, e daí foram para a fronteira tirar documentos e o visto temporário na polícia federal para entrar no Brasil, ficando cinco dias na fila. Após tirarem toda a documentação, os dois seguem para Boa Vista encontrar uma amiga venezuelana, que lhes abriga em sua casa. Ficam em Boa Vista por três dias vendendo produtos na rua, juntando dinheiro para comprar passagens para Manaus. Uma tia da esposa do participante, que já vivia a anos em Boa Vista, ajuda o casal comprando passagens aéreas saindo de Manaus para Brasília. Chegando em Manaus, encontram outra amiga venezuelana, cujo marido trabalhava vendendo produtos nas ruas. O participante começa a trabalhar junto com ele pela tarde, andando pelas ruas vendendo produtos. Ao mesmo tempo começa a vender salgados com a esposa pela manhã, juntando dinheiro. Ficam em Manaus por um mês, tempo que deveriam esperar até a data do voo a Brasília. Durante este período também recebem a ajuda de outros venezuelanos para juntar dinheiro.

Ao chegarem a Brasília, são recebidos por outra tia da esposa do participante, que os ajudou a encontrar uma casa para alugarem. O participante começa a trabalhar no segundo dia em Brasília para um vendedor de produtos, no entanto depois de um mês e meio descobre que seu patrão lhe pagava menos que aos empregados brasileiros pelo mesmo tempo de trabalho e quando começa a ter falta de pagamento o participante sai do emprego. Após ficarem um mês desempregados, o participante e sua esposa conseguem empregos com carteira assinada, o que lhes dá estabilidade vivendo no Brasil.

SIGNIFICADOS EM UMA NOVA CULTURA

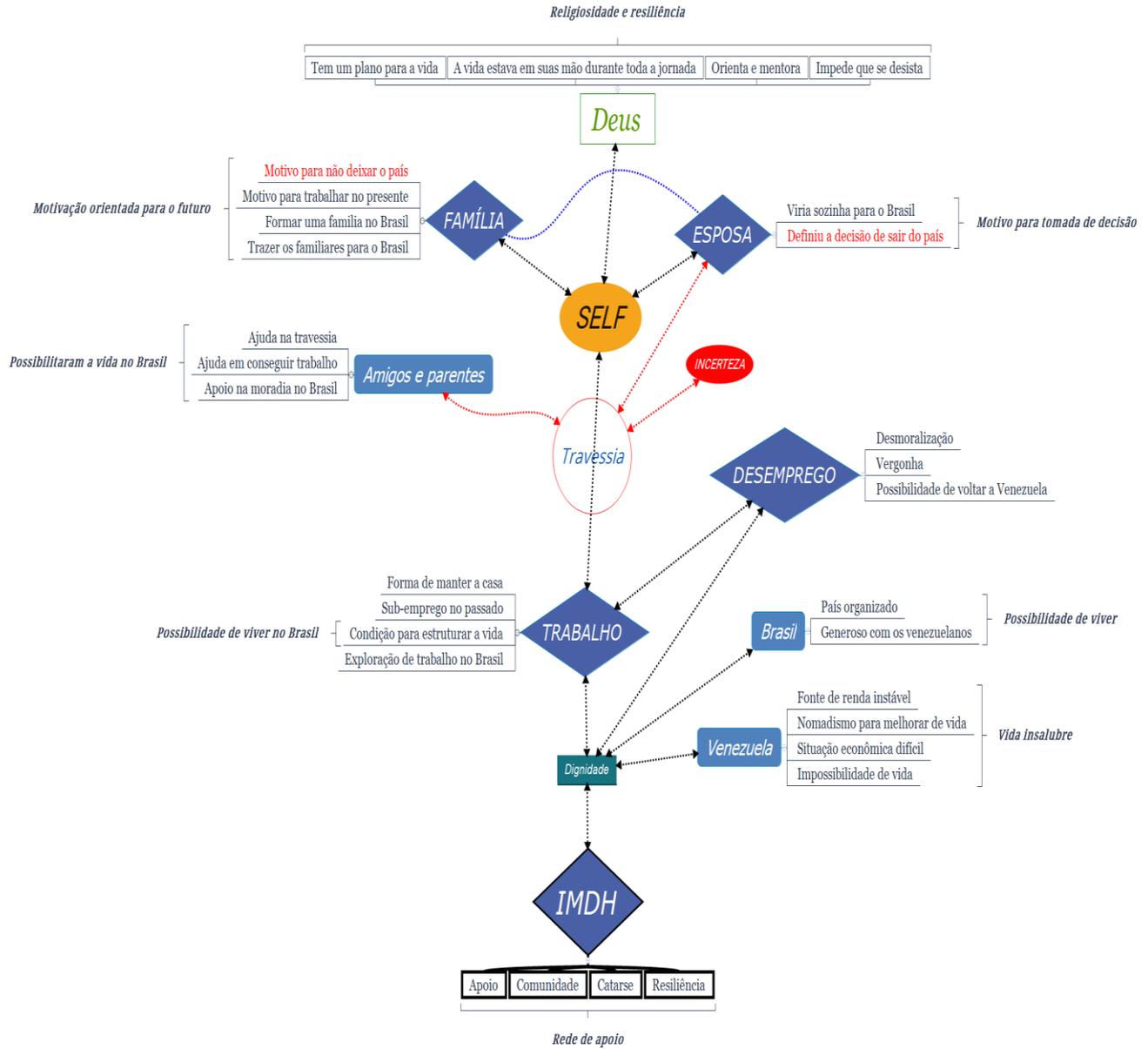


Figura 4: Mapa de significados do participante 4.

As posições-Eu na Venezuela se regulam pelo significado de vida insalubre, no sentido de falta de dignidade: “Tínhamos um terreno, uma moto, não estávamos mal lá, mas a situação econômica impossibilitava que ficássemos lá”, “na Venezuela não estávamos mal, não podíamos comprar carne, mas tínhamos o que comer todos os dias, não passávamos fome, comíamos mandioca”. A tomada de decisão para a saída do país é regulada de forma ambivalente pelo significado de relacionamento, vinculado aos posicionamentos em relação a esposa: “me convenceu a vir ao final, disse ‘bom, eu vou, você querendo ou não, eu vou’”; “ela que viria para o Brasil, tomou a decisão de que viria sozinha e ficaria um tempo”; “Tomei a decisão de vir porque tenho 7 anos de relacionamento e 5 anos de casado”; estes posicionamentos entram em atrito com os posicionamentos feitos em relação a mãe: “até o último momento eu não vinha, não ia deixar minha mãe e minha família só”. Os significados de família e esperança no futuro regulam seu relato, porque ao mesmo tempo que não desejava deixar seu país pela família, especialmente a mãe idosa, também não queria perder o relacionamento com a esposa.

Durante a travessia, os significados de incerteza e esperança regulam as posições-Eu migrante: “não sabíamos para onde íamos, sabíamos que íamos para um lugar incerto”; “quando saí do meu país, saí com o coração destroçado porque você está deixando sua família, toda sua vida, para buscar uma vida melhor”; “deixar nossa família é o mais difícil, porque estamos comendo aqui, mas não sabemos se eles estão comendo lá”. O significado de solidariedade regula os posicionamentos em relação aos amigos e parentes venezuelanos que viviam no Brasil, mediando a permanência e a mobilidade deles pelo país. Em Boa Vista vivia uma amiga de sua esposa: “nos ajudou muito quando chegamos a Boa Vista, nos levou para a casa da sogra, nos conseguiu um colchão e um lugar para dormir”. Em Manaus, vivia uma outra amiga do entrevistado: “ela é como uma irmã para mim, nos recebeu em sua casa por um mês” cujo marido o ajudou a conseguir trabalho e a aprender português para trabalhar na rua: “ele trabalha vendendo bijuterias, relógios na rua e me chamou para trabalhar com ele”; “ele me orientava, dizia o quê e como eu devia falar”.

Ao narrar sobre sua experiência em Manaus posiciona a cidade como: “foi minha escola, porque foi aí que comecei a falar na rua”. Posiciona os brasileiros como ajudantes no processo de aprender o português: “me ensinaram a falar português, como vendia na rua, tinha que aprender algo”, ponderando sua relação com o idioma como difícil: “convivi com tipos diferentes de pessoas, de gente de rua a gente mais educada e misturo as duas formas de falar”. Os significados de receptividade e generosidade regulam os posicionamentos em relação aos brasileiros no sentido de tranquilidade e apoio: “São brincalhões, gostam de brincar, graças a Deus sempre me dei bem com os brasileiros, nunca tive problema com ninguém”; “pessoas que não nos conhece e tem um apreço enorme por nós, uma senhora uma vez nos ajudou com roupas e uma outra nos vendeu eletrodomésticos por 100 reais”. Posiciona o Brasil como um país generoso, organizado e com serviços eficientes: “é um país estruturado, mas bem organizado”; “Lidar com a burocracia foi confortável, foi bem, porque conseguimos tirar toda a documentação na fronteira e em Manaus”; “foi uma

jornada o que os brasileiros fizeram, ajudando os imigrantes venezuelanos”

Em Brasília é explorado no trabalho, posiciona seu empregador: “mala, estava me roubando, me pagava menos que aos outros funcionários”, e logo fica desempregado por falta de pagamento. O significado de desmoralização no sentido de humilhação regula o *Self* nas posições-Eu migrante na situação de desemprego: “entreguei mais de 80 currículos e não tive resposta”; “Estávamos desmoralizados, queríamos voltar a Venezuela porque não encontrávamos trabalho”; “Poucas pessoas pagam água, luz ou aluguel, porque os serviços são instáveis ou não funcionam, pode passar 3, 4 dias sem luz”. Após um mês desempregado, ele consegue emprego em uma padaria: “fui comprar pão e o senhor, dono da padaria, começou a falar comigo, me perguntou de onde vim e me ofereceu emprego”.

A organização IMDH é apresentada como muito importante para o participante: “nos apoiaram, nos deram dinheiro porque estávamos desempregados e nos deram comida”, proporcionando uma experiência de comunidade e suporte emocional através do compartilhamento de histórias, “contamos nossa história para outros venezuelanos em Brasília e eles contam as deles também”. Pedir ajuda para a organização foi apresentado como humilhante para o entrevistado: “como homem, você está acostumado a manter sua casa, isso me afetou muito”, mas a experiência também é apresentada pelo significado da catarse, “chorei quando o instituto nos ajudou porque na Venezuela estava acostumado a trabalhar, a ganhar meu dinheiro e tivemos que ir lá pedir ajuda”. O significado de resiliência no sentido de suporte regula o posicionamento em relação aos outros venezuelanos: “sempre nos dizem, ‘não desanimem, vão adiante’”; “conhecemos pessoas que chegaram aqui sem nada e já estão trabalhando”.

A posição-Eu evangélico é apresentada como forma de regular o *Self* em relação a incerteza da situação de desemprego: “somos evangélicos, desde que saímos da Venezuela e chegamos aqui colocamos na mão de Deus, porque não sabíamos o que reservava o destino”; “em muitos momentos choramos, tivemos que nos ajoelhar e pedir perdão a Deus pela vida, nossas dificuldades, nossa ira, passei 20 dias ajoelhado, pedindo a Deus”. Posiciona Deus como um orientador, mentor e motivo para estar no Brasil e a sua experiência é situada como parte de um plano maior sob o controle dele: “estamos aqui hoje graças a ele, ele aperta mas não enforca, não põe um peso que não possa suportar, ele está conosco”, “Quando íamos desistir ele diz ‘filho, não esta só, estou contigo, estou te mostrando os dois lados da moeda, te trago aqui para coisas grandes, estou te fazendo passar por um processo, para que você aprenda’”; “Nos preparava para tudo isso, porque o dono da padaria é cristão e o patrão da minha esposa é bombeiro como nós”.

Nos posicionamentos feitos a outros venezuelanos, considera sua própria experiência de deslocamento como não tendo sido ruim, porque teve uma rede de amigos e familiares que pôde ajudá-lo aqui: “muita gente que chega aqui não tem para onde ir, gente que vem a sorte, dormem nas ruas, em Boa Vista, vi muitos dormindo em lotes, terrenos vazios”; “Saem do país com esperança, buscando algo melhor, mas tem em seu coração voltar a seu país, um país melhor, estável que alguma vez tivemos”. O emprego no Brasil possibilita que ajudem a família que ficou na Venezuela e possibilita planejar um futuro no Brasil:

“agora podemos ajudar a família na Venezuela, mandar pelo menos produtos de uso pessoal como sabão”, “minha expectativa é viver no Brasil, já que estamos trabalhando, a ideia é reunir dinheiro, nossa expectativa sempre foi ter coisas próprias, comprar um terreno pequeno e começar a fazer nossa casa”; “penso em estudar aqui no Brasil, na faculdade, gostaria de estudar aqui, quero estudar enfermagem, gosto muito da parte da saúde, porque ajuda a outra pessoa, é como se estivesse lhe dando vida”, o significado de família regula a motivação para seguir a vida no Brasil, “são uma motivação para a qual seguir adiante, trabalhar todos os dias, tentar trazê-los”; “a ideia é ter nossa família, essa é nossa ilusão, ter um bebê, queremos nos estabilizar”.

Ao final da entrevista, o participante mostra fotos de seus familiares que ficaram na Venezuela, que ele guarda em uma carteira que foi dada pela mãe antes de vir para o Brasil, “Desde o momento em que saímos é como se fosse um amuleto, uma das coisas que me lembra minha família”. Posiciona seus sogros como “outros pais”, pessoas que admira muito, que são um exemplo a seguir, um motivo para seguir adiante e trazê-los ao Brasil.

Discussão

Os processos de convencionalização (Bartlett, 1995) do participante se orientam pelo momento de transição marcado por seu estabelecimento profissional no Brasil, que promovem dinâmicas de reflexividade (Mieto, Barbato & Rosa, 2016) orientadas tanto para a possibilidade de ajudar a família na Venezuela quanto para possibilidade de formar uma família no Brasil com sua esposa: “agora podemos ajudar a família na Venezuela, mandar pelo menos produtos de uso pessoal como sabão”; “A ideia é ter nossa família, essa é nossa ilusão, ter um bebê, queremos nos estabilizar”. O contexto de expulsão da Venezuela se pauta pelo significado do trabalho associado a dignidade (França & Barbato, submetido): “estávamos desmoralizados, queríamos voltar a Venezuela porque não encontrávamos trabalho”; e se relacionam com o autovalor do participante “chorei quando o instituto nos ajudou porque na Venezuela estava acostumado a trabalhar, a ganhar meu dinheiro e tivemos que ir lá pedir ajuda”.

Os fatores de fé, círculos de apoio e comunidade (Pearce, McMurray, Walsh & Malek, 2016) entre migrantes e brasileiros promovem processos de resiliência que oportunizam um contexto protetivo (Ungar, 2012) e marcam a interferência institucional nos processos de desenvolvimento (França & Barbato, submetido) proporcionado pelo espaço de trocas de experiências com outros venezuelanos na organização humanitária IMDH: “nos reunimos com os amigos venezuelanos daqui e compartilhamos, agora temos laços mais fortes, um apoio a mais”. A atualização das experiências (Rosa & González, 2013) do participante se dá na travessia do deslocamento de um país para outro, regulada pela incerteza, onde a cada nova cidade e a cada nova atividade profissional se criavam novas rupturas e possibilidades de novos caminhos e formas de atuar (Forcione & Barbato, 2017): “não sabíamos para onde íamos, sabíamos que íamos para um lugar

incerto”. A atualização de experiências se dá também no estabelecimento geográfico em Brasília, onde os processos de convencionalização permitem uma nova atuação futura pelas possibilidades profissionais: “Minha expectativa é viver no Brasil, já que estamos trabalhando”.

Discussão Geral

Nos deslocamentos humanos, os processos de convencionalização (Bartlett, 1995) atuam no encontro de historicidades (Segato, 2012) distintas em contextos diferentes, onde a noção de continuidade de si se expande na cultura promovendo novas práticas e a manutenção e aprofundamento das práticas já habituais na cultura que devem ser negociadas e transformadas em novos posicionamentos quando interpelados pelo novo (França & Barbato, submetido; Wagoner, 2017). O *Self* se autorregula pela reflexão em direção ao futuro (Valsiner, 2016) em um espaço *inbetween* (Barbato, Marques & Alves, submetido; Buber, 1937) de experimentação de outros modos de ser (Märtsin & Mahmoud, 2012) em um novo ambiente cultural permeada por diferentes *grounds* semióticos. As novas práticas e atuações concretizadas do cronótopo presente (Bakhtin, 1984) são incorporadas nas novas atuações do *Self*. O choque de historicidades promove novas formas de posicionamentos que são produzidos nos momentos de crises e transições (Forcione & Barbato, 2017; Mieto, Barbato & Rosa, 2016) que permitem a ocorrência dos processos de convencionalização permeadas por processos de reflexividade na vivência (Rosa & González, 2013; Zittoun, 2015).

Percebeu-se que os significados que se orientam para aspectos de autovalorização e preservação do *Self* se autorregulam nos momentos de transição implicados em rupturas com a cultura e o ambiente de referência. Nas narrativas constatou-se a tensão entre os posicionamentos valorativos tradicionais da cultura em relação a dois aspectos: a valorização negativa em relação a presença de mulheres em cargos de liderança e a valoração negativa de aspectos da cultura dos brasileiros. Ambos posicionamentos se impactam no choque de historicidades de maneira a produzir ambivalências (Abby & Valsiner, 2005; Forcione & Barbato, 2017). Os processos de reflexividade nos momentos de ruptura (Mieto, Barbato & Rosa, 2016) se evidenciam nos posicionamentos orientados a autovalorização e as expectativas direcionadas ao desejo sair do Brasil diante da falta possibilidades de uma vida digna no país como imigrante refugiado. Constatou-se também que a tensão entre padrões de sociabilidade em choque evidenciam a atuação de convencionalizações (Bartlett, 1995) na negociação do jogo social entre brasileiros e estrangeiros. Os processos de reflexividade (Mieto, Barbato & Rosa, 2016; Zittoun, 2015) atuam orientadas a novos posicionamentos e formas de vida promovidos pelas práticas democráticas no Brasil como a educação superior gratuita e a possibilidade de liberdade de expressão na sociedade.

Nas entrevistas semiestruturadas, constatou-se que os posicionamentos se orientam para a busca de possibilidades de futuro ao se estabelecer profissionalmente e realocar a família no Brasil. Evidenciou-se que a não possibilidade do exercício profissional, a distância dos filhos e da família são vivenciadas como momentos de ruptura emocionalmente intensas (Zittoun, 2009). A religiosidade e a intervenção de organizações humanitárias promovem resiliências a partir da criação de espaços de pertencimento e catarse

coletiva entre os imigrantes (Pearce, McMurray, Walsh, & Malek, 2017 ;Weine, Levin, Hakizimana, & Dahnweih, 2012).

Os significados que orientam as atuações para o futuro resiliente em contextos adversos extremos dependem da temporalidade e das condições de possibilidade de atuação dadas pelo ambiente presente (Rosa & González, 2013; Ungar, 2012), em que as agencialidades são potencializadas por formas de integração ativa no novo país, permitindo que a capacidade de autodeterminação se realize de forma simbolicamente promotora de autocuidado e saúde mental. Em momentos de grande incerteza, a resiliência é promovida quando cria, a partir de organizações humanitárias e instituições religiosas (Pearce, McMurray, Walsh, & Malek, 2016), significados positivos orientados ao futuro a partir de crenças que saem do nível da própria autoavaliação e o contexto presente de atuação. Esses significados positivos regulam o terror da ameaça e do incerto em uma situação de experiências negativas e falta de expectativas para o futuro.

As distinções institucionais que determinam as categorias jurídicas que enquadram pessoas que se deslocam em fuga implica em problemas relacionados a seu reconhecimento, identificação e classificação baseadas na confiabilidade do relato daquele que pede asilo diante das instituições do estado (Eastmond, 2007; Sigona, 2014; Warzlawik & Brescó de Luna, 2017) e não consideram a fluidez e imprevisibilidade das circunstâncias que mobilizam o deslocamento de pessoas para outros países. As fronteiras nacionais instauradas pelo paradigma político de estado-nação (Hoerder, 2014) impossibilitam o nomadismo humano (Daniel, 2006) e mantêm um funcionamento de controle cada vez mais problemático dos processos migratórios que são inevitáveis na atual configuração geopolítica do mundo (Castles & Miller, 1993; Cohen & Kennedy, 2003; Hoerder, 2014; Mignolo, 2000). Os movimentos migratórios cada vez mais dinâmicos impõem um desafio para os modelos de recepção e teorias políticas de migrações, sejam eles assimilacionistas, multiculturais ou segregacionistas (Cavalcanti & Simões, 2014) que proponham abertura ou fechamento de fronteiras (Song, 2018).

Metodologicamente, o uso de entrevistas narrativas e entrevistas semiestruturadas neste estudo permitiram evidenciar a ocorrência de processos de convencionalização no contato entre culturas. No entanto, a realização de sessões com diferentes tipos de entrevistas, narrativas e semiestruturadas, sessões de encontros com atividades e sessões de observação e convivência com os participantes permitiriam mais fontes para a produção de dados qualitativos multimétodos, proporcionando níveis de análise distintos para o estudo (Barbato, Mieto & Rosa, 2016; Flick e cols, 2017).

Conclusão

As dinâmicas de reflexividade de pessoas que se deslocam são produzidas na interação entre historicidades em impacto, concretizando no presente ambivalências que instauram negociações de afetos e valores culturais distintos promovidos por novos posicionamentos e atuações em relação à cultura de origem e a nova cultura. Os processos de convencionalização atuam em contextos dialógicos onde o *Self* e a identidade, em contato com outra cultura, adquirem posicionamentos novos, mas atualizando e concretizando os posicionamentos antigos gerando novos significados de si em transformações mediadas por processos de reflexividade em momentos de crise e transição na mudança de país reguladas por embate entre significados de diferentes origens históricas, abandono de emprego, busca de uma vida melhor e o estabelecimento profissional em outro país.

No impacto de historicidades, observa-se o embate forte entre significados relacionados a gênero que, nas historicidades brasileiras, são promovidas pelas práticas culturais de participação das mulheres na vida pública, mas que entram em conflito na experiência de imigrantes de países com outras historicidades que promovem práticas diferentes ou opostas. Nos embates de significados em contextos sociais de asilo adversos no Brasil, observa-se nos imigrantes dinâmicas de reflexividade que orientam posicionamentos que autovaloram as próprias qualidades e a autodeterminação voltada para objetivos futuros fora do Brasil.

Também observa-se que em contato com o novo, o choque entre padrões de socialização distintos em experiências de imigrantes com diferentes posicionamentos relacionados e formas de sociabilidade-comunicação no Brasil são vivenciadas afetivamente como sentimento de solidão em uma nova cultura. A promoção de práticas democráticas na sociedade promovem processos de reflexividade orientados a produção de novos posicionamentos como a possibilidade de ensino superior gratuito, o aprendizado de um novo idioma, a liberdade de expressão e melhores condições de mobilidade urbana.

As organizações humanitárias desempenham um papel importante no fortalecimento das resiliências e acolhimento de migrantes e refugiados no Brasil, de modo a propiciar condições de comunidade entre conterrâneos, ajuda financeira e catarse coletiva. Os posicionamentos voltados a novas possibilidades de vida no Brasil pelas oportunidades de trabalho e estabelecimento familiar geram processos de reflexividade voltados para a permanência no país e para o traslado dos familiares que estão no país de origem. Os momentos de crise e transição são indicados por significados relacionados à distância da família, a fuga do país, o desemprego e a impossibilidade de atuação profissional de imigrantes forçados no Brasil, bem como pelo movimento reflexivo proporcionado pela vida no Brasil, que orientam posicionamentos que negociam e confrontam os valores ideológicos do país de origem de forma afetiva.

Para a continuidade na exploração das implicações sociais e emocionais dos processos de convencionalização, é de interesse o estudo de como os nativos dos países receptores se regulam em

contextos de convivência com migrantes de culturas e práticas sociais distintas e em como esse encontro de historicidades se impactam desde a perspectiva dos cidadãos, como os processos de significação relacionados ao pertencimento a grupos diversos em um contexto de estado-nação em crise se regulam pelo contato com o estrangeiro, especialmente em países com historicidades marcadas pelo hibridismo étnico-cultural e recepção constante de migrantes por muitos períodos de tempo. Metodologicamente, pode-se explorar possibilidades de estudos que combinem entrevistas qualitativas, narrativas ou semiestruturadas, com *mobility methods* que permitam o acompanhamento dos participantes pelos seus espaços cotidianos em várias sessões distintas, fornecendo material de pesquisa tanto para a produção de dados verbais quanto para a produção de dados observacionais e fenomenológicos.

As implicações desse estudo se voltam para o avanço no entendimento de como ocorrem as dinâmicas culturais produzidas no impacto entre culturas, sobretudo no contexto brasileiro, que podem contribuir influenciando na forma de criação de políticas públicas federais específicas voltadas para imigrantes forçados, com *status* de refugiados ou não, que venham para o Brasil em fuga de seus países. Uma outra implicação interessante, que se esconde por trás de estatísticas de alarme ou propagandas ideológicas antimobilidade humana, é a evidencia de que pessoas que se deslocam de um país para outro encaram os mesmos problemas e desafios humanos sofridos por qualquer um, que envolvem relação com a família, emprego, impossibilidade de estudar, confrontações de valores, etc.

Refletindo sobre minha própria posição de pesquisador no momento das entrevistas, penso que a nível metodológico, a ampliação de formas de mediação no contato com os participantes, por meio de observações, entrevistas e atividades distintas não só daria mais nuance a produção dos dados como também proporcionariam outros tipos de encontros menos intimidadores que entrevistas biográficas entre uma pessoa em fuga e um pesquisador nativo, com o retraimento maior do participante solicitante de refúgio e do participante refugiado nas entrevistas. Por outro lado, os entrevistados venezuelanos se mostraram mais receptivos e abertos a proposta da entrevista, inclusive se surpreendendo com o interesse acadêmico pelo fenômeno da migração venezuelana no Brasil.

A nível pessoal, e me posicionando como pesquisador, não me vi tão diferente dos participantes que entrevistei. Com a devida reserva às diferenças culturais e às diferentes experiências intensas que cada um de nós passamos em nossas histórias pessoais, no momento da entrevista, me esforcei para não marcar maiores divisões. Assim como meus participantes, não sou branco e conheço as marcas da diferença, sobretudo em meios mais elitistas no Brasil. Assim como eles, moro em uma região distante do Plano Piloto, e sofro com o caro e limitado sistema de transporte para me deslocar para a Universidade, por exemplo. Sou cidadão brasileiro, mas sei que em vários contextos, essa cidadania pode ser rebaixada a segunda classe, afinal de contas, tenho os traços e a cor da pobreza no Brasil. Não tenho condições de confirmar isso, mas creio que esses aspectos que de alguma maneira me aproximam dos meus colaboradores pode ser vantajoso para estabelecer vínculos menos verticalizados, onde mesmo com as marcadas posições de pesquisador nativo e o

migrante estrangeiro, ambos compartilham uma experiência que nos aproxima no momento da entrevista.

Pensando o caso dos impactos dos deslocamentos internacionais de pessoas no Brasil, é urgente que o estado dê respostas eficientes às demandas migratórias que atingem o país por meio de políticas públicas federais extensivas, que permitam o assentamento no país e a colocação desses imigrantes no mercado trabalho brasileiro. A migração não é um fenômeno global passageiro que se controlará em uns poucos anos, se trata do início de novas formas de relação global que não estão contidas pelo controle econômico e cultural da globalização. É importante considerar que as perspectivas futuras em relação a essa pressão global, sobretudo em um mundo impactado por constantes tensões políticas que geram conflitos civis e étnicos violentos, e as crescentes mudanças ambientais que possivelmente forçaram o deslocamento massivo de pessoas para regiões ainda ambientalmente estáveis. Nestas circunstâncias ainda mais extremas, serão exigidas novas formas de manejo demográfico, novas formas de compreensão política do mundo, novos posicionamentos em relação a compreensão de si-mesmo e do outro no mundo e novas formas de convivência global. Os valores e formas de relação promovidos pelo paradigma de estado-nação e pelas dinâmicas geopolíticas e econômicas reguladas pelas relações sul-norte global poderão entrar em suspensão marcando transformações profundas na história das relações entre culturas.

Referências

- Abbey, E., & Valsiner, J. (2005). Emergence of meanings through ambivalence. *Forum: Qualitative Social Research*. Vol. 6, No. 1.
- Abbey, E. (2012). Ambivalence and its transformations. In Valsiner, J. (Org.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. Oxford Library of Psychology.
- Angenendt, S., Kipp, D., Meier, A. (2017). Mixed Migration: Challenges and options for the ongoing project of German and European asylum and migration policy. *German Institute for International and Security Affairs*.
- Antonsich, M. (2016). International migration and the rise of the ‘civil’ nation. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 42(11), 1790-1807.
- Bartlett, F. (1995. Original de 1932). *Remembering: a study in experimental and social psychology*: London: Cambridge University Press.
- Barbato, B, S.; Mieto, G.; Rosa, A. (2016). O estudo da produção de significados em interações: Metodologias qualitativas. In: Oliveira, M, C, S, L., Ferreira, J, F, C., Mieto, G, S, M. *Psicologia dos processos de desenvolvimento humano: cultura e educação*. Alínea.
- Barbato, B, S.; Marques, V.; Alves, P. (submetido). Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si.
- Barbato, B, S. (2018). Dinâmicas polifônicas em estudo de caso: entre histórias de vida e história oral. In: ... p.1-16. Campinas: Mercado das Letras (No prelo).
- Boccagni, P. & Baldassar, L. (2015). Emotions on the move: mapping the emergent field of emotion and migration. *Emotion, Space and Society*, 16(2015), 73-80.
- Bógus, L, M, M. & Rodrigues, V, M. (2011). Os refugiados e as políticas de proteção e acolhimento no Brasil: história e perspectivas. *Dimensões*, 27, 101-114.
- Bakhtin, M. M. (1984). *Problems of Dostoevsky's poetics*. University of Minnesota Press: Minneapolis.
- Brasil. Lei n° 9.474, de 22 de julho de 1997. (1997). *Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências*. Presidência da República, Brasil: Subchefia para Assuntos Cívís. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm.
- Brazier, J, E. & Mannur, E. (2003). Nation, migration, globalization: points of contention in Diaspora Studies. In Brazier, J, E. & Mannur, E. (Orgs.), *Theorizing Diaspora: A reader*. Blackwell Publishing.
- Brescó de Luna, I. (2017). The end into the beginning: Prolepsis and the reconstruction of the collective past. *Culture & Psychology*, 23(2), 280-294.

- Brescó de Luna, I., Rosa, A. (2017). Forma narrativa e identidade en la convencionalización del recuerdo de histórias nacionales. *Estudios de Psicología*.
- Brockmeier, J. (2011). Localising oneself: autobiographical remembering, cultural memory, and the Asian American experience. UNESCO. Blackwell Publishing.
- Bruner, J. (1990). *Acts of Meaning*. Cambridge, London: Havard University Press.
- Buber, M. (1937). *I and Thou*. London: T & T Clark.
- Castels, S.; Miller, M. J. (1993). *The age of migration: international population movements on the modern world*. Houndmills: MacMillan.
- Carneiro, W, P. (2012). A declaração de Cartagena de 1984 e os desafios da proteção internacional dos refugiados, 20 anos depois. In C. A. S, Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados*. Editora UFGD. Dourados.
- Carneiro, W, P. & Collar, J, M. (2012). Reflexões sobre a questão racial e refugio no sistema brasileiro. In C. A. S, Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados*. Editora UFGD. Dourados.
- Cavalcanti, L. & Simões, G, F. (2014). Assimilacionismo X Multiculturalismo: reflexões teóricas sobre os modelos de recepção dos imigrantes. *Esferas*, 2(3), 153-160.
- Cohen, R. & Kennedy, P. (2003). *Global Sociology*. Palgrave Macmillan.
- Conselho Nacional dos Direitos Humanos (2018). *Relatório sobre as violações de direitos contra imigrantes venezuelanos no Brasil, do conselho nacional dos direitos humanos*. Brasília – DF. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/participacao-social/conselho-nacional-de-direitos-humanos-cndh/RelatriosobreViolaesdeDireitosHumanoscontraImigrantesVenezuelanos.pdf>.
- Daniel, E, V. (2006). The dialectic of recognition and displacement in a globalized world. In Mahalingam, R (Org.), *Cultural Psychology of Immigrants*. Routledge.
- Documentos temáticos da Habitat III (2016). *Migração e refugiados em áreas urbanas. United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development*.
- Eastmond, M. (2007). Stories as lived experience: narratives in forced migration research. *Journal of Refugee Studies*, 20(2), 249-264.
- European Commission (2018). *Global Approach to Migration and Mobility*. Recuperado em: https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/international-affairs/global-approach-to-migration_en
- Figueredo, L, O. & Zanelatto, J, H. (2017). Trajetória de migrações no Brasil. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, 39(1), 77-90.
- França, R, A.; Ramos, W, M. & Montagner, M, I. (2019). Mapeamento de políticas públicas para os refugiados no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 89-106.

- França, R. A. & Barbato, S. B. (submetido). Meaning production in transition: interpretations of domestic work. *Human Arenas*.
- Freyre, G. (2003, original de 1933). *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global Editora.
- Flick, U.; Hans, B.; Hirsland, A.; Rasche, S. & Röhsch. (2017). Migration, unemployment, and lifeworld: challenges for a new critical qualitative inquiry in migration. *Qualitative Inquiry*, 23(1), 77-88.
- Forcione, T. L., & Barbato, S. (2017). Posicionamentos em formação profissional continuada: um estudo multimétodo longitudinal. *Linhas Críticas*, 23(51), 351-368.
- Glaveanu, V. P. (2017). Collective memory between stability and change. *Culture & Psychology*, 23(2) 255–262.
- Gomarasca, P. (2017). O direito de excluir ou dever de acolher? A migração forçada como questão ética. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*. 25(50), 11-24.
- González, M. F. (2017). Las narrativas autobiográficas en la construcción de la experiencia y el sí mismo. *Linhas Críticas*, 23(51), 428-448.
- Government of Canada (2017). *Refugees and Asylum*. Recuperado de: <https://www.canada.ca/en/immigration-refugees-citizenship/services/refugees/canada-role.html>.
- Goodwin-Gill, G. S. (2014). International law of refugee protection. In E. Fiddian-Qasmiyeh, G. Loescher, K. Long, & N. Sigona (Orgs.), *The Oxford Handbook of Refugee and Forced Migration Studies*. Oxford University Press.
- Global Compact for Migration (2018). *Global Compact for Safe, Orderly and Regular Migration*.
- Hutto, D. D. (2016). Remembering without stored contents: a philosophical reflection on memory. In S. Groes (Ed.), *Memory in the Twenty-First Century: New Critical Perspectives from the Arts, Humanities, and Sciences* (pp. 229-236). Basingstoke, United Kingdom: Palgrave Macmillan.
- Harré, R. (2012). Positioning Theory: Moral dimensions of Social-Cultural Psychology. In Valsiner, J. (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. Oxford Library of Psychology.
- Hoerder, D. (2014). *Migrations and Belongings 1870-1945*. Harvard University Press.
- Hynie, M. (2017). The social determinants of refugee mental health in the post-migration context: a critical review. *The Canadian Journal of Psychiatry*. 1-7.
- Leontiev, A. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Ediciones Ciencias del Hombre. Buenos Aires. Argentina.
- Märtsin, M & Mahmoud, H, W. (2012). Never “at-Home”? migrants between societies. In Valsiner, J. (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. Oxford Library of Psychology.

- Marsico, G. (2015). Developing with time: defining a temporal mereotopology. In: Simão, L, M.; Guimarães, D, S, & Valsiner, J, *Temporality: culture in the flow of human experience*. Advances in Cultural Psychology, Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Moraes, L, M. (2003). *A Segregação Planejada: Goiânia, Brasília e Palmas*. Goiânia: Editora UCG.
- Mignolo, W. (2003). *Historias Locales/Diseños Globales: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Ediciones Akal.
- Migration Policy Institute (2018). *Asylum Applications in the EU/EFTA by Country, 2008-2017*. Recuperado em: <https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/asylum-applications-euefta-country-2008-2017>
- Ministério da Justiça (2017). Secretaria Nacional de Justiça. *Refugio em números: Desafios e Perspectivas*. Recuperado de: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>.
- Mayer, M, M., & Mehregani, M., (2016). Beyond Crisis Management: The Path Towards an Effective, Pro-active and Fair European Refugee Policy. Bertelsmann Stiftung.
- Myin, E & Hutto, D. (2012). *Radicalizing Enactivism: Basic minds without content*. The MIT Press.
- Mieto, G, S.; Barbato, S.; Rosa, A. (2016). Teachers in transition: a study on production of meanings in initial practice in inclusive education. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (32), 1-9.
- Milesi, R., & Carlet, F. (2012). *Refugiados e Políticas Públicas*. In C. A. S, Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados*. Editora UFGD. Dourados.
- New Zealand Government. (2019). *Refugee and Protection*. Recuperado de: <https://www.immigration.govt.nz/about-us/what-we-do/our-strategies-and-projects/supporting-refugees-and-asylum-seekers/refugee-and-protection-unit>.
- Oliveira, A, T, R. (2017). Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 34(1), 171-179.
- Oliveira, L, L. (2001). *O Brasil dos imigrantes: descobrindo o Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Pearce, E.; McMurray, K.; Walsh, C, A. & Malek, L. (2017). Searching for tomorrow: South sudanese women reconstructing resilience through Photovoice. *International Migration & Integration*, 18, 369-389.
- Polkinghorne, D, E. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. State University of New York Press. Albany.
- Polkinghorne, D, E. (2005). Narrative psychology and historical consciousness: relationships and perspectives. In: Straub, J. (org) *Narration, Identity and Historical Consciousness*. Berghan Books. New York.

- Pouw, W, T, J, L., Looren de Jong, H. (2015). Rethinking situated and embodied social psychology. *Theory & Psychology*, 25(4), 411–433.
- Pedersen, S., Bang, J. (2016). Historicizing affordance theory: A rendezvous between ecological psychology and cultural-historical activity theory. *Theory & Psychology*. Vol. 26(6) 731–750.
- Radhakrishnan, R. (2003). Ethnicity In An Age Of Diaspora. In Braziel, J, E. & Mannur, E. (Orgs.), *Theorizing Diaspora: A reader*. Blackwell Publishing.
- Refugee Council of Australia. (2018). *Until when: The forgotten men of Manus Island*. Recuperado de: <https://www.refugeecouncil.org.au/manus-island-report/>.
- Requião, R, B. (2015). Mudanças no saldo migratório internacional do Brasil: uma análise sobre as causas que intensificaram a migração de estrangeiros para o Brasil desde a década de 1990. *Fronteira*. 10(20), 6-34.
- Rosa, A. (2015). The reflective mind and reflexivity in Psychology. In Salvatore, S; Marsico, G & Ruggeri, R, A (Orgs.), *Reflexivity and Psychology*. Yearbook of Idiographic Science. Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Rosa, A., & González, F. (2013). Trajectories of experience of real life events. A semiotic approach to the dynamics of positioning. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 47(4), 395-430.
- Rosa, C. & Tavares, S. (2013). Grasping the dialogical nature of acculturation. *Culture & Psychology*, 19(2), 273-288.
- Segato, R, L. (2012). Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical*. 18.
- Seyferth, G. (1990). *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora UnB.
- Salvatore, S & Valsiner, J. (2010). Between the general and the unique: overcoming the Nomothetic versus Idiographic opposition. *Theory & Psychology*, 20(6), 817-833.
- Saint-Laurent, C. (2017). Personal trajectories, collective memories: Remembering and the life-course. *Culture & Psychology*, 23(2), 263-279.
- Simões, G, F.; Silva, L, C. & Oliveira. (2017). Perfil sociodemográfico e laboral dos venezuelanos em Boa Vista. In: Simões, G, F. (Org.), *Perfil Sociodemográfico e Laboral da Imigração Venezuelana no Brasil*. Curitiba: Editora CRV.
- Silva, C. A. S., Rodrigues, V. M. (2012). *Refugiados: Os regimes internacionais de direitos humanos e a situação brasileira*. In: C. A. S, Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados*. Dourados: Editora UFGD.
- Sigona, N. (2014). The politics of refugee voices: representations, narratives and memories. In: Fiddian-Qasmiyeh, E.; Loescher, G.; Long, K.; Sigona, N. (Orgs), *The Oxford Handbook of Refugee and Forced Migration Studies*. Oxford University Press.

- Siriwardhana, C.; Ali, S, S.; Roberts, B. & Stewart, R. (2014). A systematic review of resilience and mental health outcomes of conflict-driven adult forced migrants. *Conflict and Health*, 8(13), 1-14.
- Song, S. (2018). Political theories of migration. *Annual Reviews of Political Science*, 21, 385-402.
- Straub, J. (2005) Telling histories, making history: toward a narrative psychology of the historical construction of meaning. In: Straub, J. (org), *Narration, Identity and Historical Consciousness*. Berghan Books. New York.
- Uber, F. (2012) *O Estado diante da questão dos refugiados*. In C. A. S, Silva (Org.), *Direitos Humanos e Refugiados*. Editora UFGD. Dourados.
- Ungar, M. (2012). Social Ecologies and their contribution to resilience. In Ungar, M (Org.), *The Social Ecology of Resilience: a handbook of theory and practice*. Springer.
- UNHCR Global Trends: Forced displacement in 2016. Acessado em 19 de Dezembro de 2017. Recuperado de: <http://www.unhcr.org/globaltrends2016/>
- UNHCR Venezuela Situation. Recuperado de: <https://www.unhcr.org/venezuela-emergency.html>.
- Vertovec, S. (2009). *Transnacionalism*. Routledge. London & New York.
- Valsiner, J. (2016). *The human psyche on the border of irreversible time: forward-oriented semiosis*. 31st International Congress of Psychology, Yokohama.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies: foundations of Cultural Psychology*. Sage Publications.
- Volochinov, V. (2018). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34.
- Wagoner, B. (2013). Bartlett's concept of schema in reconstruction. *Theory & Psychology*, 23(5), 553-575.
- Wagoner, B. (2017). What makes memory constructive? A study in the serial reproduction of Bartlett's experiments. *Culture & Psychology*, 23(2), 186-207.
- Wagoner, B., & Gillespie, A. (2014). Sociocultural mediators of remembering: An extension of Bartlett's method of repeated reproduction. *British Journal of Social Psychology*, 53(4), 622-639.
- Waldinger, R. (2013). Immigrant transnacionalism. *Current Sociology*, 61(5-6), 756-777.
- Weine, S, M.; Levin, E.; Hakizimana, L. & Dahnweih, G. (2012). How prior social ecologies shape family resilience amongst refugees in U.S. resettlement. In Ungar, M (Org.), *The Social Ecology of Resilience: a handbook of theory and practice*. Springer.
- Watzlawik, M. & Brescó de Luna, I. (2017). The self in movement: being identified and identifying oneself in the process o migration and asylum seeking. *Journal of Integrative Psychological and Behavioral Science*.
- Yousaf, F, N. (2018). Forced migration, human trafficking, and human security. *Current Sociology*, 66(2), 209-225.

- Zamora, J, A., (2017). Los movimientos migratórios de los refugiados: un analisis a la luz de la teoria critica. *Revista Eletrônica de Educação*, v.11, n.2, p. 303-315.
- Zittoun, T. (2015). Reflexivity, or learning from living. In Salvatore, S; Marsico, G & Ruggeri, R, A (Orgs.), *Reflexivity and Psychology*. Yearbook of Idiographic Science. Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Zittoun, T. (2009). Dynamics of life-course transitions. In Valsiner, J.; Molenaar, P.C.M., Lyra, M.C.D.P.; Chaudhary, N (Orgs.), *Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences*. Springer.